

TRANSCRIÇÃO DA FITA GRAVADA P/ MAIRAWÊ KAIABI : Trajetória de Vida

Mairawê Kaiabi é o atual chefe do PI Diauarum do Parque Nacional do Xingu

Os Kajabi são... os Kajabi morava lá no... e eram vários os lugares que eles moravam, né? Eram vários grupos divididos, né? E cada esse grupo era chefiado por um líder, né? Eu me lembro que tinha a aldeia do pai do Cuia bano, que era um grande líder também dos Kajabi, e tinha um outro grupo também que morava num lugar que a gente chamava Ojaagou (Ojanhá-un)... e onde eu nasci, né?

(-Isso fica aonde?)

Isso fica no Teles Pires, rio dos Peixes. Aí, essa aldeia chamada Oja-agou foi chefiada pelo meu pai, Owaíua, ou Juporipinin, que chama o nome dele mesmo, né? e outros morava lá... ainda mora. Não vou dizer que não mora, mas ainda moram lá no rio dos Peixes, Tatuê, né? E bem na cabeceira do rio dos Peixes morava um outro grupo que era chefiado por um outro chefe também que chamava de Piñai que faleceu no Xingu, depois da transferência pro Xingu ele faleceu, né? Então esses grupinhos ficava assim divididos né? Não era um grupinho pequeno mas um grupo bem grande, né? Os Kajabi era um... tinha bastante tudo né? E pelo que o povo, os Kajabi conta, eles ficaram diversas aldeias assim pra se livrar ou se esconder dos inimigos, né? Quando uma aldeia for atacada pelos... principalmente pelos índios Munduruku, que era os índios mais... o inimigo mais grande que tinha naquela região, né? Os Kajabi sofria muito com eles, muito... que atacava mais eles né? Aí foi indo... foi indo... com o tempo eles descobriram que tinha chegado Caraíba (branco) lá, na cabeceira do rio Teles Pires, aí eles começaram a frequentar lá, né? Ia lá, fazia um troco com eles e tudo. Quando o negócio do troco (troca) não dava certo então eles brigavam né? Matavam, né? E o pessoal que morava mais pro norte, o outro grupo que morava mais pro norte frequentava o Pará, né? Até hoje parece que tem alguns lá ainda... morando... uns Kajabi, né? Mas já bem pouquinho, bem menor dos que os que estão lá agora... lá no Tatuê. Então, esses pessoal morava lá, frequentava os seringueiros, principalmente o seringueiro que em primeiro lugar invadiu aquela área, né? Aquela região. Aí, então foi indo... foi indo... foi indo, aí que eles receberam, foram trocando os material com eles: machado, facões, essas coisas todas, né? Aí com o tempo depois, tiveram aí o Claudio...

(-Você já era nascido?)

Eu já era nascido, mas só que eu não sabia de nada ainda, né? Devo ter um ano ou dois anos né? Eu me lembro mais ou menos assim, muito pouco né? A chegada deles lá. Aí chegaram lá e fizeram contato com eles, mas aí já é contato mais perto, né? o contato que eles fazia com os seringueiros... os caraíbas lá da cabeceira do rio Teles Pires não era assim um contato direto, que eles podia ir lá, chegar perto, tal... não, né? Era um contato mais distância né? Eles deixavam as coisas lá e os caras pegava e depois os caraíbas ia deixar as coisas lá também pra eles... eles saia do lugar pra eles ir pegar as coisas. Era um contato mais distante deles, né? Depois com a chegada do Claudio e o Orlando, eles fizeram o contato mais próximo e ficaram muito tempo lá... muito tempo não, ficaram um dia lá com eles. Aí começaram a distribuir notícia: que tinha chegado um caraíba lá, que conversou com eles, conversou com mais amizade, tudo, né? Que podia dormir lá com acampamento deles, né? É um rapaz, quer dizer, um homem que até hoje tá vivo ainda, chamado Tumaka-a, eles que fez o contato com ele e mais um outro que morreu. Então eles que começou distribuir notícia, aí então foi chegando os pessoal e tal.

(-Eles chegaram só na aldeia de seu pai ou nas outras também?)

Não. Todos os pessoal. Todos, né? Eles chegaram num ponto que eu não me lembro, também nunca procurei saber. Eu não sei se ele chegou na aldeia nossa, que tem nome que eu não me lembro também... eu não sei se foi lá num lugar que a gente chama de Kwanou-in, eu não sei se foi nesse aí... mas eu sei que eles chegaram num lugar e começaram a fazer o contato com nós, né? Aí começou a esparramar o pessoal a notícia né? Que chegou gente lá e tal, e assim foi indo, chegando... chegando... chegando... visitar ele e tal, e trazendo as coisas pra eles, né? Comida, essas coisas assim... batata, essas coisas assim né? Foram trazendo, tal, aí... e os pessoal, quer dizer, voltando pro assunto lá dos

CEDI - P. I. B.
DATA 07/10/86
COD. C7D12

caraiabas que moravam lá na cabeceira do Teles Pires, né? Já tinha gente morando lá. Mas a distância o contato que eles fazia, o contato que eles fazia mais distância era aqueles que não tinha muita confiança neles, sabe? Mas quem morava mais pro sul, mais perto desses caras, desses caraiabas que moravam lá, então já tinha gente lá, né? Esses por exemplo: O Sabino (chefe de um grupo Kayabi), o Prepori (Pajé Kayabi) e mais gente, né? Diz que é muita gente que foram pra lá que tava mais próximo, então eles foram chegando, foram ficando lá e tal. O que fica mais pro norte não tinha confiança neles, né? Bom, dali uma história que eu mais ou menos sei contar, né? Essa parte que eu nem existia ainda, era pequenininho e tal. Ai depois quando o Prepori ficou sabendo que tinha gente lá na aldeia, caraiaba, então ele foi lá, né? Conversar e não sei que, que sabiam português... então ele foi lá conversar com eles e tal. Bom, dali o Claudio e o Orlando vieram embora pra cá pro Xingu, né? Voltaram...

(-O que eles foram fazer lá?)

Eu não sei o que eles vieram fazer, diz que eles tavam fazendo aquela expedição Roncador/Xingu, né? Eu não sei também nem explicar direito isso. Bom, ai ele veio com eles. Eles já tinham passado por aqui, pelo Xingu. Tinha pacificado essa gente que existe lá no Xingu, né? Os Kamayura, Kalapalo, pessoal todo né? Então ele veio com eles, O Prepori. O Prepori veio com eles e com mais gente, né? E ficou ai por muito tempo. Deve ter ficado um ano, dois anos ai, né? No Xingu, né? Ai depois ele voltou pra Teles Pires. O Prepori foi lá, conversou com o pessoal dizendo que era... lá no Xingu era melhor, tal. Tinha gente pra tratar, tinha gente pra cuidar e tal, ... e que a gente fizesse transferência pra mais próximo, né? E nessa época já tava invadida aquela região pelos seringueiros. Seringueiros, caçadores e tudo. Ai então, muita gente não concordou, sabe? Achava que não nos vamos ter ficar aqui. Aqui a terra é nossa!" - mas como a gente era mais próximo do Prepori, ele conseguiu trazer a gente pra cá. Ai veio a família do meu pai e veio muita gente com ele né? Prepori chefiando a gente pra fazermos transferência. Bem, a gente veio. Começamos a subir o rio, um pedaço do rio Teles Pires, né? Nós saímos do lugar que chamava Uja-agou ate numa altura onde o Claudio fez as picadas, sabe? Ai nós pegamos essa picada do Claudio, voltamos. Demoramos um mês caminhando, até a mudança total; Então, eu me lembro mais ou menos como foi a mudança né? Viemos trazendo as coisas, criança até que não tinha muito, sabe? Tinha pouca criança na idade assim de 5, 6 anos né? Ai nós viemos pra cá... viemos mudando pra muito... foi muito difícil. Principalmente pra gente pequena. Foi muito difícil. Passamos fome, tudo! A data eu não sei bem, foi lá pro ano de 55, 54, né? Então, ai fomos... demorou a transferência e tudo. Mas quando nós chegamos na beira do rio muita gente também voltou. Voltou sabe? Não aguentaram viajar, então desistiram e voltaram pra Teles Pires. E a gente que começou a trazer o grupo maior, né? Ai nós conseguimos continuar e tal. Quando nós chegamos na beira do rio, que era o rio Matsiwa Missu, começamos a fazer canoa, passamos quase duas, três semanas lá, fazendo canoa e tudo. Depois nós começamos a descer o rio Matsiwa Missu... fomos descendo, fomos descendo. Enquanto isso foi acabando comida, né? Acabou farinha, acabou milho, acabou tudo... a gente foi descendo, comendo as frutas do mato mesmo, mel... bastante mel. Ai, até que chegamos num ponto, e nessa época... nesse dia, quando o Prepori chegou num certo lugar, que eu não me lembro onde foi, ele deixou a gente, sabe? Falou: "O, vocês vão descendo que eu vou na frente. Eu vou até lá no Claudio conversar com ele, pra avisar ele que tá vindo pessoal". Ai desceu um outro pessoal com a gente, conhecido também né? Dessa área do Xingu que veio com ele do interior. Então ele acompanhou a gente até numa certa altura do rio Arraia. Ali nós ficamos. Começamos a abrir a roça... o pessoal começou a abrir roça, né? Em primeiro lugar ficamos num lugar só, ai ficou o pessoal do meu pai e o pessoal do Prepori, né? Que chamava Tonho, também homem velho. Ele trouxe a gente e deixou a gente lá no lugar que chamava... lá no rio Arraia com o rio Matsiwa Missu. Ficamos lá, ficamos aldeia. Fizeram aldeia tudo direitinho, né? Depois houve atrito lá entre eles mesmo. Entraram em desentendimento então... nos dividimos né? Meu pai, eu... meu pai fez uma outra aldeia mais um pouco abaixo do rio Arraia né? E o Antônio, o pessoal do Prepori, ficaram bem na boca do rio Arraia.

(-Antônio era o nome dele?)

É. Até não me lembro qual era o outro nome que tinha não. Acho que era, deixa eu ver... a gente tratava ele também de nome Uve'g, que significa seringa, uma árvore, sei lá... Ai, bom, dali a gente ficou dois, três anos lá. Depois de dois anos o Prepori voltou lá né? Já levando notícia dos Villas Boas, né? Dizendo que ia lá visitar e tal. Tudo bem, tava lá esperando, né? Depois de uns

dois meses depois eles chegaram lá. O Cláudio, o Orlando e mais gente que eu não me lembro que acompanhava eles. Mas antes disso a gente chegou na boca do rio Arraia, né? Pra acampar, montar uma aldeia lá; aí na descida, antes da gente descer lá pra conhecer o Xingu, né? A primeira vez o Antônio, ou Ôve'g, já tinha descido pra ir lá, onde existia os Juruna, que estão até agora lá. Aí ele desceu: "Eu vou na frente, vou conversar com o pessoal lá. Eu conheço os Juruna... eu vou lá e depois, daqui uns dias vocês descem e vamos lá procurar comida com eles". - Aí eles desceram, depois que a gente começou acampar, arrumar casinha pra ficar e tal... aí nós descemos. Até aí eu me lembro mais ou menos, sabe? Como é que foi... eu já estava grandinho, já descemos, levamos uns três dias pra descer até a boca do rio Matsiwá com o rio Xingu, né? Aí começamos a conhecer Juruna e tal... receberam a gente. Eles receberam a gente com alegria e tal... nós ficamos com eles alguns dias. Pedimos comida pra eles, deram mandioca, deram beiju... deram tudo que a gente pediu pra eles. Deram todo apoio pra gente. Depois de algum tempo nós voltamos lá de novo, pra aldeia lá do Arraia, voltamos de novo. Começamos a abrir roça: plantar, roçar, derrubar, queimar, tudo. Aí começaram frequentar Juruna de novo né? Pra arrancar muda, ramo de mandioca, milho, tudo isso. O que nós trouxemos lá do Teles Pires já tinha acabado, não tinha mais nada, né? Então, enquanto isso nós pedíamos comida pros Juruna e se virava também: tirava mel, comia fruta do mato... e assim foi indo, foi indo até a roça ficar grande: dar mandioca e tudo né? Aí começou a melhorar. Depois de um ano, acho que nem chegou a um ano não. Depois de umas três vezes que nós estivemos lá na aldeia dos Juruna, aí nós fomos sozinhos, não precisou mais ninguém acompanhar... conhecido dos Juruna. Não precisou acompanhar. A gente foi sozinho, por nós mesmos, eu com meu pai, com a família toda nossa né? Nós fomos lá nos Juruna. Passamos uns dias lá com eles, aí o rapaz que até hoje está vivo ainda, você deve conhecer ele, o Pissaká, aquele Juruna, resolveu casar com a minha irmã, sabe? Resolveu casar com ela e tal. Mas naquela época a gente não entendia nada de Juruna. Nem a língua deles, nada... não sabia o que ele ia fazer né? Ficamos lá preocupados com o que podia acontecer e tal. Aí, depois, procuramos gente que entendia um pouquinho de Juruna, né? Aí eles explicaram que ele ia morar com a gente lá, ia casar com a minha irmã e tal. Aí meu pai concordou: "-Tá bom! Então vamos embora pra aldeia". Aí levamos ele lá pra aldeia e ficamos com mais amizade ainda porque já tinha Juruna lá no meio da gente, né? A gente ficava mais tranquilo, com mais amizade com eles. Pra nós até que foi bom, pra manter mais contato com eles. Bom, ele ficou muito tempo com a gente. E depois da visita do Cláudio e Orlando, aí foi um outro Juruna lá também, que até já faleceu, se chamava Dá-a, que acompanhou muito o Cláudio, o Orlando; inclusive sabia muito da história deles, não só dos Juruna mas dos outros grupos. Ele sabia muito, sabe? Aí ele chegou lá, contou pro pessoal que a gente era assim... bom, né? Os Juruna principalmente e tal... que a gente ficasse tranquilo, sem preocupação nenhuma, sem pensar assim de perigo que não ia acontecer nada de mal. A gente ficou mais seguro, né? Porque o pessoal chegou naquela região preocupado... numa região que a gente não conhecia, né? Aí eles começaram a contar pra nós: "-O único perigo que tem aqui, que de vez em quando acontece de aparecer gente aqui... mas também nunca atacaram... mas vem de vez em quando falar com a gente, falar não, andar por volta da casa e tal" - se suspeitava dos Kreen Akarore, eles falaram também: "-Ó, lá embaixo tem os Txukahamãe, né? Txukahamãe vem aí e tal. No nosso tempo era duro, eles brigavam muito com a gente" - eles eram os Juruna, né? "-Brigavam muito com a gente, vinha aqui e matava. Mas agora eles estão pacificados. Passou caraíba por aqui, chamou o Cláudio, o Orlando e foi lá conversar com eles... amansaram eles. Agora estão bom. Mas mesmo assim é bom ficar sabendo destas coisas, né?". Tá bom! Aí a gente ficou lá mais algum tempo, sabe? Alguns anos. Aí esse rapaz, o Pissaká, casado com a minha irmã, ficou lá morando com a gente muito tempo. Um ano, dois anos depois ele teve uma criança com a minha irmã. A menina nasceu e quando estava com

uns 8 meses mais ou menos ele desistiu... não sei o que houve... houve um desentendimento do meu irmão com o Pissaká, com o cunhado dele, né? Aí ele foi embora da aldeia, largou da minha irmã e pronto. Foi embora! Nós ficamos lá, ficamos sentidos porque ele tinha ido embora. Aí começou essa briguinta, que tem de vez em quando... Cajabi também tem isso: o Prepori contra o meu pai. Queriam levar, devolver a criança pro Juruna e meu pai não quis, falou: "-Eu poderia deixar se vocês viessem conversar aqui comigo direitinho. Mas assim, na marra, assim eu não posso fazer isso!". Sei lá o que é que deu na cabeça do Prepori, né? Ele foi embora pros Juruna, foi lá e pegou quase todos Juruna levou lá pra aldeia dele que ficava mais acima da gente. Então passaram e encostaram lá na nossa aldeia, conversaram com a gente... tudo bem, depois seguiram pra aldeia do Prepori, ficaram lá uns 2, 3 dias. Aí voltaram pra visitar a gente de novo, sabe? E a gente com toda alegria a receber eles. Meu pai foi dando as coisas pra eles: comida, farinha... a gente já tinha comida, né? Já estava dando... na roça tinha bastante coisa pra dar pra eles. Na hora deles irem embora a tia da menina que era filha da minha irmã, que estava contente com a visita dela, ela, a minha irmã, com toda confiança deu a menina pra tia dela segurar: "-Pode ficar aí um pouquinho com ela e tal" - e foi lá atender o resto do pessoal, né? Dar comida pra eles e mais um monte de coisa que deram pra ela fazer. E nesse meio assim, quando um monte de gente tava chegando, né? Encheram a casa... aí ela sumiu com a criança, sumiu! A tia da menina, irmã do Pissaká. Tudo bem! Foram embora. Acho que eles perceberam, inclusive o Prepori que estava junto com eles, né? Na hora de ir embora cadê a menina? E cadê a menina? Aí a mãe ficou louca perguntando, minha mãe também: "-Cadê a menina? Cadê minha filha? Estava com a tia dela, acho que levaram lá pra beira do rio. Vamos lá ver". Aí nós descemos, eu acompanhei isso; chegamos lá não tava. Todo mundo já tinha pegado a canoa, aí foi embora né. Bom, aí meu pai ficou triste, ficou muito chateado, todo mundo. Todo homem ficavam chateado, meu irmão, o outro, o outro né. Aí meu pai simplesmente falou pra ela assim: "Olha, vai lá, ver o que está acontecendo que eu vou ficar aí, eu não vou, eu não vou lá não. Fico aqui". Tá bom. Aí todos os homens ficaram lá. Aí foi ela, minha irmã né, minha mãe e eu. Fomos em 3. Aí foi, fomos, fomos, fomos, tinha... caminho pela beirada do rio, né. Aí nós fomos correndo mesmo e tal, encontramos a primeira canoa, não tava, a 2ª canoa não tava, a 3ª, a 4ª, a 5ª, seis, eram seis canoas, né. Não tinha ninguém. Aquela mulher não estava na canoa, nem a menina estava na canoa. Ela tinha ido pelo caminho, né. Aí então, eu acho que já tava todo mundo armado nesse negócio, né. E a gente correndo, pá, pá... Chegamos lá num correguinho que passava né, tinha rastro deles né. "Ela já passou, vamos embora". E a minha irmã chorando né, chorando, chorando, e fomos, fomos. E quando nós chegamos lá em frente... o riozinho lá é bem estreitinho, né. Chegamos lá... Quando nós tava chegando, numa reta assim, atravessou uma canoa, pra pegar ele com a criança. Já atravessou, nós corremos, já atravessou de novo pra aldeia né. Aí até que a gente chega lá, não tava mais lá, né. Nós chegamos, fomos lá, fomos embora. Ela atravessou né, com a criança e chegou na aldeia e foi embora pro mato de novo. E quando nós chegamos lá, pedimos canoa pra atravessar né, demoraram pra trazer justamente pra dar tempo de... de ... de sumir com a criança, de esconder a criança. Tudo bem... E a menina era de 6 meses, 6 meses não, 8 meses, que mamava ainda né, que não parava de chorar e tal. Tá bom. Aí nós ficamos lá e tal, chegamos, pedimos canoa pra atravessar a gente pra lá, chamou a gente, se a gente quiser. Eles trouxeram, a gente atravessou, e fomos lá perguntar: "Cadê o menino" e tal. "Ah não, não veio ninguém pra

cá, prá atravessar aqui com criança. Não veio ninguém...". Ah, o negócio já tava tudo armado mesmo, sabe. Tá bom. Aí tinha, sabe comé que é menina, criança, né. Aí tinha uma menina lá, ela correu atrás da gente, sabe, escondendo da mãe, ela correu atrás da gente quando a gente tava procurando, falou: "Olha, aquele menina seu, aquele Juruna passou por aqui com ela chorando, ela foi nesse rumo aí". Aí pronto. "Tá, vamos ficar aí esperando". Aí minha mãe falou: "Não, vamos sair, procurar, vamos ver se a gente ao menos escute onde é que tá né, se a menina chorar". É nada. Aí a gente saiu procurando; tudo quanto é lado, acho que levaram a criança bem longe, é tal. Chorando, chorando... Ela deve ter sofrido muito, né. Aí ficamos lá procurando a criança a tarde toda, quando foi umas 4, 5 horas, de manhã né, de manhã até a tarde, nada da criança. Tá bom. Aí nós voltamos prá aldeia, nessa altura o pessoal que tava vindo de canoa já tinha chegado na aldeia, né. Aí minha mãe foi lá, falar em primeiro lugar com o Prepori né: "Olha, Prepori, como é que fizeram com minha filha?" "É, eu nem sabia, tal, eu não vi o que tava acontecendo e tal." É ele, ele mesmo tinha armado essas coisas todas né, tal. Aí minha mãe começou a discutir com ele sabe, falou, falou, falou, falou... e começou a condenar ele, que ele não era mais o líder como a gente considerava ele, tal né. Falou prá ela que... falou prá ele que ele era o único segurança da gente, porque era o pai dele foi um grande, um grande... líder de todos Kayabi e tal né. Falou, explicou prá ele e tal.. Aí bom, aí nós voltamos, minha mãe e minha irmã começaram a chorar e tudo. Foi uma tristeza muito grande Chegamos na aldeia, meu pai falou: "Olha, que nós não podemos fazer nada, o que a gente pode fazer é ir lá conversar com eles de novo, porque eles fizeram isso né, e tão recebendo tudo bem eles e tal né, então pede a criança né, ou senão esperam a criança crescer, prá não sofrer tanto que eles vão matar essa criança ainda né, que a gente não vai negar prá eles, tanto que a gente tá morando aqui perto deles, mas... Agora é tudo é família, agora, né". Aí ele falou: "A única coisa que eu acho a coisa mais triste que fizeram é isso; é ter vindo prá cá, mas... foi trazido pelo Prepori e tal. Eu... é essas coisas que eu sinto. Mas vamos ver o que pode acontecer". Mas quando foi à noite, eles passaram com a criança né, nós tava um pouquinho prá dentro do rio né, então eles passaram com a criança chorando. A gente escutava umas duas vez a criança chorar. Aí eles queria ir lá, mas já era tarde né. Passaram e foram embora com a criança. Bom, aí nisso ficou muito chato, sabe. Aí meu pai queria voltar lá pro Teles Pires: "Vamos embora, não vamos mais ficar aqui e tal". Aí... "Tá bom, então vamos". Aí meu irmão mais velho, que eles que dirigia a gente, aí falou prá ele- "Então vamos embora, pai, não tem mais condição de ficar aqui não. Vamos embora". Aí a gente começou a voltar prá Teles Pires né. Começamos a voltar pra Teles Pires, tal. Aí foi eu,

meu irmão, meu outro irmão, irmã, tudo parente nosso, começamos voltar prá lá né. Aí ele falou: "Olha como a gente sabe como é a distância é tão grande, vamos fazer o seguinte, nós vamos voltando devagarzinho prá lá. Agora nós vamos fazer uma aldeia bem longe daqui né. Quando começar a dar comida, a gente vai mudar mais prá lá de novo, até chegar lá, prá gente não chegar lá sofrendo de novo". Tá bom. Aí a gente subiu uns vinte dias mais ou menos né, aí começamos a encontrar um lugar lá, que dá prá plantar. Abriram roça, queimaram, plantaram milho, mandioca, tudo. Aí depois... quando tava começando a dar tudo de novo, a gente tava planejando outra mudança né, aí eles voltaram. Meu irmão mais velho voltou prá... prá aldeia do... do Prepori, né. Porque ficou mais gente nossa lá né, então ele foi lá visitar e saber como é que está e tudo. E, enquanto a gente foi com essa mudança, o Claudio já tinha voltado lá de novo, visitar e tal, e ele ficou sabendo que a gente já foi embora de novo né, prá aldeia... lá prá Teles Pires. Aí ele falou, quando meu irmão chegou lá ele ficou sabendo: "Diz que o Claudio teve aqui de novo e tal, , agora eles tão convidando a gente que volte prá lá, tão achando que a gente vai...vai sofrer muito e realmente a gente vai sofrer". Aí meu irmão conversei com meu pai e tal: "Como é que nós vamos fazer?" Aí decidiram voltar de novo. Aí nós voltamos, voltamos prá aldeia do Prepori. Ficamos lá um... um tempo, depois nós voltamos prá nossa aldeia de novo. Ficamos lá sózinho. Preferia ficar lá sózinho e tal né. E aí depois de 2, 3 anos depois, a comida foi aumentando né, tal, abriram mais roça e tudo. Aí que o Orlando e o Claudio, foi na 3ª vez que ele foi lá né. Ele encontrou a gente mais, com mais condição de viver, com mais comida e tal, roça grande já e tal. Bem, aí... nessa época, quando ele começou, a última vez que ele teve lá né, quer dizer, a 3ª vez que ele teve lá já... já... já aldeia bem mudada né, já bem montado já. Aí meu pai começou a adoecer né, meu pai começou a adoecer e tudo e...

(-Adoeceu de quê?)

Adoeceu de gripe, sei lá o que que ele teve né e tal. Eu sei que ele sofreu muito assim, sei lá, deve ter sofrido pneumonia, sei lá, naquela época não tinha nada, nem medicamento. Aí ele sofreu uma dor assim no peito e tudo, falta de ar, levou dois dias, dois dias depois, ele faleceu. Aí pronto.

(-Não tinha posto?)

Não tinha nada naquela época, não. Aí bom, meu pai faleceu, não tinha mais condições de viver. Aí meu irmão, prá assumir a aldeia sózinho, não tinha condições, que ele não dava né, porque aí... quer dizer, bem que ele podia assumir essa aldeia né, prá ficar com a gente e tal, mas ele não quis, porque ele... a história que ele tinha que completar com o pai de-

le não dava. Podia continuar, mas ele não quis. Se ele quisesse, podia continuar, mas ele não quis, ter aldeia separado, manter o pessoal né. Mas ele não quis, porque ele... Ele ia... Os irmãos era pouco né, era só ele, o mais velho, e o irmão mais velho que tinha depois dele, era He - raru, né? Não dava também, então pelo menos tinha que ter 2 prá discutir né, orientar, plantar. Quando um não dá uma história completa, então tinha que os dois discutirem né, prá assumir uma aldeia né. A não ser que ele... é a mesma coisa: um curso, se voce não terminar, voce não tem condições de fazer, né. Então ele completou, então ele fica: "Não, não posso, não vou assumir, né. Se eu tivesse um irmão mais velho que eu, posso discutir com ele, eu posso ter uma aldeia, mas não posso né, não vou ficar. Vamos ver aí com quem que nós vamos ficar também." Aí eles ficaram tal, com essa morte aí do meu pai, ele disse: "Agora vamos ver, eu posso assumir ainda, mas se alguém oferecer uma aldeia prá nós, tudo bem. Se não oferecerem, eu vou assumir, né". Porque aí, meu pai faleceu, fomos convidar os parentes, e tal. Aí o velho que faleceu, nosso tio também, o Mearupã, ofereceu aldeia dele prá ele, ofereceu a aldeia dele prá ele, pro meu irmão, né. "Vamos levar seu pai prá lá, enterrar ele lá". Bem, aí ele disse: "Não", aí ele falou né, começou a explicar prá ele o problema dele e tal. "Não tem problema, voces vão morar lá com a gente, voces vão..." Quer dizer, aí no caso, a gente passou prá aldeia dele, né. E pertenceu aquela aldeia né. Aí, nós fomos prá lá. Levamos o corpo do meu pai prá enterrar lá, e pronto. Aí a gente ficou lá.

E também antes disso né, depois que a gente... tivemos todos com a mudança assim, comida bastante e tudo, que foi chegando mais gente né, o meu irmão também é um deles que foi buscar o grupo, o grupo do Mearupã, do Cuiabano com o pessoal dele. Aí eles tavem lá ainda, no Teles Pires. Aí ele foi lá buscar e trouxeram ele prá cá, pro Xingu, e isso é uma das primeiras mudanças, primeira ou segunda mudança né. Primeiro fomos nós, depois foi o Cuiabano com o pessoal dele, o Mearupã e tudo. Depois foi os outros, foi cheganso sózinhos né, acompanharam a gente prá onde a gente vinha né. Então eles vieram. Tawepã é um deles que veio sózinho com o pessoal dele e tal. Munã que faleceu, também veio sózinho, né, e tal. Agora, tem outros grupos também que veio depois né. Aí já foram buscar. Mas isso aí, ele foi buscar depois que a gente mudou pro Diavuarum, né. Tem essa história de mudança pro Diavuarum né, porque a gente... Nós morava lá no rio Arreia, né. Depois resolveram, o Claudio passou lá e tal, conversou com o pessoal que ficasse lá, eles ia criar um posto e tal, o SPI... naquela época lá e tal. Então aí começaram a fazer a transferência, prá cá... começaram a fazer a transferência... isso foi em 60, em 60 é, de 59 prá 60.

(Aí já tinha vindo o Cuiabano, o pessoal?)

Não, é, já tinha vindo o Cuiabano prá cá.

(E lá no Teles Pires, resolveram largar?)

Largar, am... foram saindo. Aquela área cada vez mais foi ficando invadido, né, invadido pelo garimpeiro, seringueiro e ... caçador e tudo isso foi ficando... E com o pessoal... Depois que o Prepori foi buscar eles, aí começaram, os seringueiros foram descendo também pelo... pelo rio Maritsawa né, que vem 'aí até... o... na boca... perto da boca do Arraia, que é onde é o limite do parque do parque agora né. Então, aí resolvemos vir prá cá. Claudio foi prá lá né, o primeiro... o primeiro posto que eles ... o Claudio ficava lá no Leonardo né, chamava que chamava o Capitão Vasconcelos; os índios chamavam de Makawökô, os Kamayurá chamava ele. Então, ficamos lá... eles ficaram lá. Aí depois eles tavam fazendo uma mudança prá lá, depois que tiveram briga com... parece que era Fundação Brasil Central, não sei bem essa história. E aí eles mudaram lá pro Diauarum. Então eles chamaram os Kayabi prá mais próximo, prá que tivesse mais assistência, saúde, essas coisas... Tá bom. Aí nós mudamos prá cá, pro Diauarum. Mudamos pro Diauarum em 60, né? E depois disso, depois que mudaram pro Diauarum que eles foram buscar o pessoal do... o pessoal do Sabino, Prepori né, Prepori foi buscar o pessoal do Sabino, Masi'a, Tuim, deixar quem mais... Chiquito, né? Esses pessoal vieram depois da mudança, depois da mudança nossa prá Diauarum né. A aí, dali tem história né, eu era novo que eu aí já... Ainda, quando eu cheguei no Diauarum, eu já era grandinho já, devo ter mais ou menos uns que...uns... na idade do... de oito, dez anos, né. Aí começamos morar ali mesmo, perto do Diauarum, né. Moramos um pouco lá, depois fomos mudando prá cima um pouco do Diauarum, tudo... Aí depois que eu morei uns tempos lá, depois eu voltei pro posto. Aí eu resolvi trabalhar um pouco no posto, sabe? Aí o Orlando mesmo me convidou, né..."Você fica aí trabalhando, tal, ajuda aí fazer alguma coisa aí, tal. Aí eu fiquei, né. Fiquei um mês mais ou menos. Depois... depois ... eu saí, quer dizer, eu me desentendi lá com ~~ele~~ o Claudio e saí, fui embora prá aldeia.

(Você se desentendeu como?)

Desentendi com ele porque ele num..., ele me mandou fazer uma coisa lá né, que eu não lembro bem o que era, mas que era questão de família do Pionim, uma coisa assim, né. Tinha briga lá com família dele, e ele tinha ido prá aldeia. Então ela, ele queria que eu fosse buscar. Buscar ela, né. É... Kaiulu, né. Ela ia... Ela foi prá aldeia do Suyá, que naquela época ainda né, o Suyá tava sendo pacificado, né? Então então o contacto nove, e tal, então ela foi prá lá. Ficou lá com Suyá, não sei não. No fim não foi, se escondeu lá mesmo, né. Então eles acharam que ela tinha ido prá lá, né. Então Aruiavi, irmão dela, queria ir lá que era longe um pouco, né. Então ele queria que eu fosse com ele. Falei: "Não, não vou não, eu vou ficar aí. Tô trabalhando e tudo". Aí ele disse assim que , né..."Se você nao quiser ir, eu tô te

mandando, você tem que ir". Falei assim: "Que, né? Não, não vou não, não quero ir". "Tá, então você não vai mais trabalhar aqui". "Tá bom", eu peguei minhas coisas e fui em bora prá aldeia...

Aí depois de algum tempo, dois meses depois, né, aí o Claudio, quer dizer, o Orlando tinha viajado sabe, eu fiquei lá com o Claudio, ele tava tomando conta lá dos... do posto, né. Aí quando o Orlando chegou ele falou: "Cadê o menino que trabalhava aqui". "Ah, foi embora e tal". "Tá bom". Aí depois de algum tempo, dois meses depois, aí chegou o Álvaro. Aí eu fiquei lá, fiquei né... Fiquei lá junto com ele, gostei dele, tal, ficava junto com ele lá e tal. E o Orlando e o Claudio tinha viajado, então eu fiquei lá ajudando ele, né? Mas ele não sabia que eu tinha trabalhado lá e eu tinha saído, né. Aí...

P: (Você tinha que idade?)

Tinha oito, dez anos. Aí eu fiquei lá, né e tal. Quando o Claudio voltou, aí o Claudio, o Álvaro tinha combinado comigo: "Não, você vai trabalhar aqui e tal". Mas eu não expliquei prá ele que eu tinha trabalhado lá né, não quis... Eu saí por causa do assunto lá, então não falei, fiquei lá. "Tá bom, vou ficar ajudando". E fiquei ajudando tal, fazendo umas coisas, né. Ajudava na oficina e tal, na cozinha ... Aí eu fui indo trabalhar assim, né. Aí, quando o Claudio chegou, ele não me aceitou né, falou: "Aí, sabe esse menino aí, já trabalhou aqui, ele ... não deu certo". Aí o Álvaro falou, conversou com ele e tal ... Aí ele falou prá mim: "Olha, eu não queria que você trabalhasse mais aqui, mas como meu irmão tá... diz que gostou muito de você. Ele quer... ele quer ensinar pouco você ler, e tal. Aí ele quer você vai com ele". "Tá bom". Aí eu comecei voltar mesmo pro posto né, comecei voltar pro posto, trabalhar, né; e fiquei lá ajudando n'alguma coisinha e tal. Quando o Álvaro foi embora pro Leonardo, que eles já nessa época... eles já voltaram prá abrir, reabrir um posto lá do... do Leonardo, né. Aí eles passaram a dar o nome do posto Leonardo, né. Tá bom. Aí eu fiquei um pouco lá no Diuarum com o Claudio ainda, depois que eu saí, tal. Aí depois, uns tempos depois, acho que não demorou não, um mês depois ele mandou me chamar. Aí mandou dizer pro Claudio prá me mandar prá lá né, pro Leonardo. Aí eu falei: "Tá bom, eu vou prá lá que eu queria estudar, queria ler, aprender a ler, tal". Ele falou que... ia dar... dar aula prá mim, né. Então tá. Aí eu fiquei animado sabe, fiquei... Aí, eu vou. Aí eu fui falar com minha mãe, fui falar com minha mãe que eu ia prá lá, ficar lá com eles e tal. E a minha mãe deu o contra né, que não podia ir e tal: "É uma pessoa que você não conhece, desconhecida da gente, dos índios, é outros índios e tal". Mas eu tinha tanta vontade de ir, né, eu fugi de lá, né. O barco que vinha prá buscar ... minha mãe, coitada, né, minha mãe tava lá né, pegou minha rede, levou prá casa dela, prá que eu não isse né. Aí eu falei pro Claudio: "Olha, eu queria ir, mas minha mãe não quer. Mas eu quero ir". Aí eu fui assim: eu entrei no barco, larguei tudo lá, minha mala tava lá com as coisas, só peguei a rede lá escondida, ó, entrei no barco e fui embora. Sem minha mãe saber, sem nada. Fui embora, né. Cheguei lá no Leonardo né, não me arrependi nada,

fiquei lá. Passei um mês depois, um mês ou dois meses depois, foi chegando mais gente, né. Aí eu fiquei mais contente, chegou meu irmão, o Kamik né, chegou lá. Chegou o Cuiabano, chegou mais gente, né, prá trabalhar lá e tal. Aí eu fiquei ' mais livre. Depois de mais de um mês depois, eu soube que minha irmã, minha mãe tinha falecido, né. Aí pronto. Aí eu fiquei totalmente perdido né, "Como é que eu vou fazer? Minha mãe não, não tenho mais mãe, e ficar com quem agora?" Tinha um irmão, aí eu fiquei no ar, sabe. Aí: "Opa, eu vou começar a trabalhar mesmo assim e tal". Aí eu comecei a trabalhar na cozinha, né. Eu que cozinhava pro pessoal lá do Leonardo, os trabalhadores e tal. Aí fui ficando, fui ficando, fui ficando. Depois de ... eu tive transporte pro Diauarum, e eu fui prá lá prá ver o que tinha acontecido com minha mãe e tal. Quando eu cheguei lá, meu irmão falou prá mim: "Olha, agora você tem que vir prá cá. Não posso ficar sózinho aqui sem vocês, porque minha mãe morreu, nossa mãe morreu e nosso pai não tem mais e tal". Aí é um grupinho que tá diminuindo, né". Aí não, eu voltei lá, né, voltei de novo e ... continuei estudar um pouco e o Álvaro dava aula, né, prá gente e tal. Quando a gente tava começando aprender ler um pouco, aí ele foi embora.. Aí dali que perdi, comecei mais nada de ' estudar, né. Aí eu fui aprendendo alguma coisa por mim mesmo, fazendo uma forcinha prá ler e tal, né. E ... depois de um tempo, depois eu diquei disso aí né, trabalhando na cozinha e tudo, uns quatro anos. No Leonardo isso. De 71, aliás, de 61 prá ' 65 eu só morei no Leonardo.

P: (Seu irmão...?)

É, meu irmão lá. E o outro irmão ficou mais lá comigo, né. Depois ele foi embora também, aí eu fiquei lá. Fiquei eu, o Táwu, ficou um outro rapaz também que chamava Antônio, que era motorista, um cara legal também, que faleceu. Ficava a gente ' assim, né. Aí nós ficamos lá 60 e 60, 60, 61 prá 62. No Leonardo era um caso muito sério, sabe. Faltava comida e tudo. Quando foi em 63, aí Aruiavi foi prá lá. A O Aruiavi morava no Leonardo também sabe, que ele ^{também} trabalhou muito antes de mim, né, já junto com o Claudio, Orlando, ele acompanhava eles, viajava com eles e tal. Então ' ele era o que via... o que ficava mais com eles, né, com o Claudio. Entao a gente ' sempre... Quando eu entrei prá trabalhar com eles, ele já tava junto com eles, né. Com o Aru. Então, desde pequeno que a gente se conheceu. Aí quando eu fui pro Leonardo, que eu morei muito tempo lá, depois de uns três anos, dois anos, aí o Aru foi prá lá. Aí pronto, a gente ficou lá, nós dois, né. Aí enquanto isso, foi juntando ' mais gente, sabe. Foi prá lá o Megron, foi prá lá o Kanikô, né. E o pessoal de lá ' mesmo, tinha... mas só que eles não ficava muito, sabe. Entrava, ficava uma semana, outro que ficava um mês e saía, e a gente aguentava, sabe. Fazia tudo ali, né.

P: (Qual era a função do posto?)

A função do Posto Leonardo? Naquela época eles tavam começando a construir umas casas, aquela farmácia, né. Um alojamento que era um... uma... aquela barraca grande, né, de madeira que eles fizeram e tudo. É, prá atendimento e tal. E também a abertura de uma pista de pouso, né, já tinha, mas eles aumentaram mais e tudo.

Aí, aí já fiquei mais livre, quer dizer, mais livre não, mais contente, porque eu já tinha mais companheiro comigo ali, comigo. Tá bom, aí quando foi em 64, começaram a pacificar e descobrir a aldeia do Txicão, sabe. Descobriram a aldeia do Txicão, pacificaram eles, trouxeram eles pro posto e tudo. E naquela época a gente trabalhava ainda na cozinha, sabe.

P: (Txicão morava no PNX?)

O Txicão, eu acho que ele não era dentro do parque não. A área que eles morava, quer dizer, a aldeia que eles morava não era dentro do parque não. Quase dentro do parque, mas eu acho que não é não lá no rio dos ... rio... rio Jatobá que eles morava, né. Então eles foram ficando lá, descobriram eles, trouxeram eles pro posto, não de mudança de uma vez, trouxeram eles prá visitar e tudo. E a gente trabalhou, até a chegada deles, eu assisti tudo a chegada deles, né. Agora, quando foi em 65, aí a gente saiu, desistiu da cozinha, sabe. Todo pessoal que trabalhava com a gente, Kanikô, o Megaron, o Aru, eu, né. Eu primeiro que saí da cozinha, sabe. Eu saí, eu não quis mais trabalhar na cozinha, eu fui trabalhar na oficina, né. Aí eu deixei o Aruiavi chefiando a equipe, né, tal, que tinha uma equipe lá com a gente, né, Aruiavi, né, esses grupinhos que trabalhava com a gente, a gente era... eu era que chefiava eles né. Então eu deixei o Aruiavi no meu lugar. Aí ele ficou muito pouco, ficou um mês ou dois mês, não aguentou também, foi embora: "Ah, não vou ficar, vou embora prá oficina". Aí ele foi conosco, comigo prá oficina, né. Aí ficou os dois, Kanikô, Megaron ficaram aí, continuaram trabalhar na cozinha. Assim foi indo, né. Aí quando a gente passou prá cozinha, prá oficina aliás, começamos a viajar, começamos aprender com o Pionim, né, como é que mexia com motor e tal. E a primeira viagem que a gente fez, assim de longo né, a gente saía do Leonardo, dois barcos, e fomos lá prá ... prá o rio do 7 de setembro, no Igarapu, a fim de transportar combustível, sabe. Aí nós foi. Nós chegamos, era cinco dias de viagem. Aí fizemos... A gente... A primeira viagem que nós fizemos, né. Fomos, fomos, chegamos lá, carregamos combustível que tinha que trazer, né, tal. Chegamos, trazemos, entregamos lá no posto e tal. Quando foi a segunda vez que a gente foi, aí não foi bom não, começou a piorar, sabe. Quer dizer, começou não sair bem a viagem, né. Da ida nós foi, tudo bem, chegamos lá, carregamos o barco tudo, e um barco que era de madeira, né, tava fazendo muita água. E a gente por sorte, todas as coisas que era de molhar, que não era de molhar, né, a gente botou num barco bom, e outro... outras coisas a gente botou na ... nesse barco de madeira, sabe. Carregamos tudo, deixamos tudo pronto prá viajar bem cedo, né. No dia seguinte, aí quando foi umas três, quatro horas da manhã, acordamos, o barco tava lá no fundo d'água, tinha afundado com motor e tudo. Aí pronto, aí que nós fizemos? Nós tiramos, descarregamos de novo né, mergulhando e tudo, tiramos tudo. Aí era azulejo, não sei o que mais né, prá construção da casa da... da farmácia. E aí atrasamos, desmontamos o motor e tudo, só fomos sair à tarde, né. Viajamos, dormimos na... no lugar que chamava Pontal, como é que chama, coronel Wanik, riozinho que deságua no rio 7 de Setembro. Aí nós chegamos. No dia seguinte,

viajamos de novo, gastamos dois dias prá chegar no Leonardo, entregamos, aí eles começaram a arrumar. Depois dessa segunda viagem, eles começaram a arrumar a balsa da FAB prá gente, sabe. Que o barco não tava trazendo muito, sabe. Aí eles começaram a arrumar a balsa da FAB... ou conseguiram... O Orlando conseguiu com a FAB emprestar a balsa, tá. Aí a gente começou passar trabalhar nessa balsa, né. Nós fomos... A primeira vez que nós fomos, nós levamos... Levamos uns dez dias, cinco dias prá ir e cinco prá voltar. Na primeira viagem a gente não sabia como é que carregava a balsa. Então a gente carregou naquela...

P: (Vocês foram sózinhos?)

Nós fomos... Não, tinha mais gente. O Chiquito trabalhava com a gente, Chiquito... deixa ver, se eu me lembro todos que trabalhava com a gente; o Megaron tava, o Kawcip tava, Chiquito, o filho dele que o apelido dele era "Misadinha", né. Kuatörá é o nome dele... e ... e Aru né, Aruiavi. Bom, chegamos lá, carregamos a balsa só de combustível, ainda bem que só de combustível, né, tambores e tudo, e botamos naquela balsa. Era só prá botar 30 tambores, aliás, 25 tambores. Botamos 48 tambores naquela... naquela balsa, sabe. E eles não falaram nada como é que era prá carregar, se era prá carregar em pé ou deitado, né. Atravessado assim, atravessado ele ainda vai, mas em pé ele cabe mais, só que ele era... ficava doido, né, virava. Daí a gente botou 48 tambores ali... na balsa e a gente começou a viajar, pa, pa. Na segunda, na terceira curva, um riozinho que faz bem a curva assim né, a balsa ô , jogou todos tambores fora. Aí pronto! E prá carregar de novo? Levamos quase dois dias prá carregar de novo. E a gente vinha descendo né, descendo, descendo. A gente não podia deixar lá agora, largar os tambores porque não pôde. Primeiro, o seguinte: primeiro os caras que passava lá carregava, né. E depois o rio tava enchendo , em que lugar que você vai, você podia deixar? E o único jeito da gente deixar, era no lugar que a gente tava querendo levar mais, né, mais né, mais frente deixar, né. Aí quando nós saímos do... do rio... do 7 de Setembro para o Kuluene, aí houve uma outra... Nós carregamos tudo, carregamos todos tambor de novo, e quando nós chegamos na boca do 7 de setembro com o Kuluene, aí virou de novo. Aí pronto, o rio já é largo, então os tambores foram indo embora, embora... fomos... fomos catando os tambores até quase perto do... perto da aldeia velho dos Kalapalo, que chama de Diacuí. Tava duro embaixa da chuva, né. E a gente... nessa época, né, a gente, quer dizer, não tinha tanta coisa prá gente levar na viagem, mas a alimentação nossa era arroz e leite. Arroz e leite de ... sei lá como é que chama aquele leite, que chama ... vem em saco.

P: (É leite em pó?)

É, leite em pó.

P: (De soja?)

Não, não sei se era de soja não. Mas eu sei que era comida só aquele que a gente levava, e açúcar, não tinha outra coisa prá se levar. Então a gente tomava leite com

arroz e mais nada. Se voce não pescava, não caçava, não comia mais nada não. E não tinha arma prá você matar bicho. Anzol a gente levava, mas no rio cheio não pegava nada.

P: (E flecha?)

Nem flecha não dava. Como é que você is lá entrar dentro do mato pescar? Então a situação era difícil. A gente fazia, sabe, sofria muito.

P: (O posto não dava mais nada?)

O posto não dava, porque nem... nem lá no posto tinha comida. Sabe como é que a gente vivia lá, né. A gente vivia na base de mel, né. E como todo mundo tinha que sair, procurar mel, matar bichinho prá você comer, né, eu e o Aru a gente saía escondido, né. Pegava uma arma de alguém, saía, matava, assava lá mesmo e comia lá. E o mel, a gente tirava né, e o que sobrava a gente botava no litro e trazia e deixava lá no mato. Deixava lá, e quando dava vontade de comer mel, fome, né. Aí a gente pegava farinha e ia lá no mato, ó, mandava. E a gente assim foi indo, se virando.

P: (Mesmo assim não tinham vontade de sair de lá e voltar prá aldeia?)

Não, mesmo assim a gente continuou ali trabalhando.

P: (Por que?)

Porque eu gostei. Eu gostei. Eu principalmente, eu gchei assim, quer dizer, mesmo tendo nesse... nessa dificuldade toda a gente continuou estudando um pouquinho, ler, aprendendo alguma coisa e tal. Então com isso a gente foi segurando, sabe. Gostando e tal. E a gente escreveia, fazia diário, escrevia, né. E depois que eu joguei tudo fora. Tudo eu tinha escrito. Aru parece que tinha alguma coisa ainda escrito, sabe. Não sei... Eu... a gente lembrava, lia aquela história, e tudo que passava e tal... Mas eu rasguei o meu porque não tinha nada a ver com isso. Mas quando, quando minha mãe, minha mãe não, minha irmã faleceu, eu queimei tudo que eu tinha. Mas Aru parece que tem alguma coisa ainda, não sei.

P: (E como era o parque naquela época, era tudo tranquilo?)

Naquela época era, não tinha tudo tranquilo, quer dizer fora, tirando o posto Leonardo fora, no Diauarum ainda não era tão... não tinha tanto turista assim não. Era mais fechada, que lá ia mais gente, menos lá e tal. Mas o Leonardo já era, ia muita gente lá, sabe. Visita, turista, a FAB mesmo, né. Até ainda hoje é um PARASAR que vai lá, para fazer o treinamento e tudo. Inclusive eu acompanhei um dia.

P: (E como você via tudo isso?)

Olha, no início, como a gente não sabia como é, né, quer dizer, eu quando eu fui lá na primeira vez, que eles convidaram prá ser motorista deles, os PARASAR, eu fui lá, né. Eu fui lá visitae, quer dizer, ficar lá com eles, prá ser o motorista deles e tal. Fiquei lá. E assisti tudo que eles fazia, né. Ia lá caçar, matar bicho, tudo. Isso eu, aqueles quee estão mais... que estão mais... É, eu acho que era... que já fizeram treinamento e tudo, né. Mas os cadetes mesmo, eles largava lá. Dava arma prá eles, anzol e fósforo e mais nada. Ele é que se dane lá. Mas os PARASAR, aque-

les... os professores, né. Eles ficava lá acampado, com cerveja, com... com... com arma, e a gente, os índios que ficava lá acampado com eles, caçava, matava bicho, tal, trazia... Eles passava bem, né. Então, no primeiro dia quando eu fui lá, eu fiquei lá, né. Fui lá, eu fui caçar com eles e tal. E quando eu voltei de novo, quando eles me convidaram de novo, eu não fui, porque eu achei uma coisa meio... fora, fora das coisas que eu não gosto, sabe, que eles vão lá, pegar as coisas que a gente tem, além de ... de ... de matar os nossos bichos lá, né. Eu comecei perceber que eles tão, tão usando as coisas da gente, né. Aí, dali eu não fui mais não. Não fui mais não, porque eu fiquei já... eu não gostei muito, muita coisa que eles fazem eu não gostei: de soltar... soltar dinamite, matar bicho, peixe né, essas coisas todas. Mas tem ainda gente lá que vai lá, acompanhar, sei lá. Mas prá eles, quem vai lá, não sei o que que eles acha, né. Aí, depois disso aí, depois desse trabalho todo que a gente fazia lá no Leonardo, né, tinha também que transportar da FAB pro posto Leonardo, prá construir as casas lá, é, uns tijolos, sabe. Transportava aqueles tijolos todos, aquelas casas que tem lá, né... Foi transportado tudo por nós, sabe. Tudo que a gente transportou foi nós, eu, o Aru, Megaron, né. Na balsa trabalhava um grupinho pequeno que fazia tudo aquilo, Rosa. Tudo aquela... aqueles, aquela casa... Você quer ver? A cozinha grande que se vê lá, foi nós que transportamos construção, tijolo todo, telha, tudo foi nós que transportamos. Armazém que tem lá, prá lá, é atrás da cozinha, foi nós que transportamos. Aquela casa de rádio, foi nós que transportamos. Aquela casa da... da farmácia, nós que transportamos. A casa da Dona Cida, que era antigamente, nós que transportamos. A casa do Pionim, perto da casa do Pionim, aquelas casas que tem lá atrás assim, foi nós que transportamos aquelas coisas todas. Tudo, tudo, tudo, tudo, nós que transportamos.

P: (E a viagem, eram só vocês que faziam?)

Eram só nós; ó, eu...

P: (Branco não?)

Não tinha ninguém branco, não. Era só nós, e eu...

P: (No posto ficava quem?)

No posto ficava o Aramisio, né, naquela época ficava o Aramisio. Então, é, a gente transportou, eu Aru, Megaron e Kanikô que ia junto, né. Era um grupinho que ia, e algumas pessoas de lá que trabalhava com a gente, né. Um, aquele rapaz que tá hoje na FAB, chama Tewê, que tá em Xavantina, ele também trabalhou, ajudou bastante a gente, né. É um dos meninos que melhor, que era melhor, né. Que pensava, falava: "Pá, porque meu povo não ajudava, por que meu povo não vinha ajudar? E a gente fica aí, né, só nós, parece que só nós que existir". Ele falava isso, e até eu acho que isso que deu na cabeça dele, né: "Quando eu sair daqui, eu vou prá outro lugar, não vou ficar aqui na aldeia, que eu vou ficar aí igual o meu... meu... meu pessoal". E eu acho que... por isso que ele tá na FAB, não sei.

P: (Mas por que ele falava assim do pessoal?)

Que ele não... ele achava que podia... dava a mão prá ele, quer dizer, ajudar a gente, né, de transportar, né. Não, só de levar, a gente fazia não só de pegar lá na FAB e levar de balsa lá pro posto. Além de levar, lá pro posto, a gente transportava de carro prá lá pro posto. A gente que carregava e descarregava tudo. Então era uma coisa duro.

P: (Mas o pessoal não tinha a vida deles lá na aldeia?)

Tinha, mas é... a ... ele que achava que ele devia, porque tinha gente lá; num, num, quer dizer, não vou dizer prá você que aquele povo que tavam lá assistindo a gente trabalhar, não tão ocupado. Então isso que dava nele, sabe. "Pô, esse pessoal que tá assistindo aí, por que não vem ajudar a mão, dá mão aqui prá gente"? Então ele ficou, ficava... ficava triste com isso, sabe? Eu acho que ele, não sei, pensou e saiu de lá, né. Hoje ele tá, hoje é o, esse menino que chama Tewê né, trabalha na FAB, tá morando em Xavantina agora, e de vez em quando a gente encontra ele por lá, a gente conversa e tal. Bom, quando foi em... A gente trabalhava todo esse tempo sem percebia nenhuma assim de... de ter a idéia de... de ajudar o nosso povo e tal, né. A gente trabalhava por gosto mesmo, porque gostava de trabalhar. A gente achava o bco e tal, né. Coisa nova prá nós e tal. E mesmo tamos aprendendo, né, que vem, que tava se passando, o que tava acontecendo, e tudo. E aos poucos a gente tava também percebendo que através de... de ... as coisas que ia acontecendo com o pessoal, com os índios, né, que o pessoal de fora vinha trazendo né, de bom ou de ruim, né, para o Leonardo, levando as coisas assim de fora, né, prá... pros índios de lá. Isso a gente foi percebendo, né, e alguma coisa também que a gente pegou com... com... quer dizer, com os Villas-Boas, né. Que tal, e alguma coisa que eles transmitia prá nós também. Alguma coisa também, é impressão nossa, impressão minha agora, né, que eu acho, que no meu opinião, era um pouco de... umas coisas de errado, sabe. Eu acho. No meu opinião, eu acho que tava... que tava errado, né. Bom, aí de ... de ... dizer assim, uma das coisas que ele falava também, de ajudar quando a gente trabalhava lá, né. Que tá lá prá ajudar mais tarde o nosso pessoal que tão lá, que vai... Se um dia eles sair, que a gente podia assumir algumas função prá poder ajudar o pessoal de lá. Tudo bem. E no fim, a gente hoje, a gente faz alguma coisa também por eles... pelo pessoal lá, de lá, né. Bom, agora é o seguinte. Aí então eu, voltando da minha parte, eu fiquei lá até em 66, no ano de '66 eu trabalhei lá no Leonardo. Final minha, né. Em 66 aconteceu um acidente com... com meu irmão mais velho, né. Que houve uma, um atrito lá, briga contra, com o irmão do Aruiavi, né. E... e que foi assassinado e tudo. Bom, então, com esse acontecimento, quando morreu, quando houve essa briga com... com o irmão do Aruiavi e com o meu irmão,, aí o negócio começou a ficar meiodifícil prá mim, tanto prá mim como prá... pro Aruiavi, sabe. Nós era muito amigo, ainda é, né, mas nesse dia foi muito duro prá nós, porque o meu irmão tinha matado o irmão dele, né. E isso prá nós fã-

cou... foi uma coisa muito chocante, né. Eu, prá mim pessoalmente, e que a gente era... nós somos ainda muito amigo, né. É irmão, né. Mas prá nós foi muito forte esse negócio. Tudo bem. Aí quando, nesse ano de 66, aí começamos... começamos separar um pouco, sabe. E quando eu soube que foi meu irmão que fez isso, né, esse assassinio com o irmão do Aruiavi tal, me senti muito, fiquei muito triste e tal, né. Aí, prá resolver esse problema, ele tava no posto Diauarum, né. E eu tava no Leonardo... Não, aliás, nós dois tava no Leonardo, e nós tava saindo prá fazer uma missão. Tava dando um surto de gripe lá no Diauarum, lá numa aldeia que tinha lá, agora não é mais, no Porori, abaixo da... perto da cachoeira Von Martius, né. Então nós fomos lá socorrer o pessoal, né, levamos enfermeira e tal, levamos prá lá. E ele, o Aruiavi, também foi. Mas ele ficou... ficou num posto fazendo um outro trabalho e eu fui lá prá baixo, levar a... a... recurso lá prá Txucarramãe, tava precisando de médico, essas coisas todas né, então eu fui. Quando eu voltei de lá, já tinha acontecido esse negócio, sabe. Nem eu tava sabendo de nada, né. Quando soube que desapareceu o rapaz né, aí todo mundo ficou pensando que foi uma coisa assim: se perdeu e volta logo e tal. Quando eu cheguei depois, acho que foi um dia depois que... Não, desapareceu, no dia seguinte eu cheguei, e o Aru tinha fazer a viagem, ele chegou também, tudo junto. Aí chegamos e ficamos sabendo que o rapaz tinha sumido, né. Aí nós começamos a procurar. Eu tava no outro barco, ele também tava no outro e nós saímos procurando, todo mundo, né. Todo mundo saiu a procura do rapaz, nada. Nada... Levou, dois, dois, três dias, né. Quando foi uns quatro dias, souberam que... houve uma ... um assassinio, mas não sabiam de quem era, quem que fez isso né e tal. Bem, aí surgiu uma viagem pro Leonardo. Aí eu fui. Larguei Aru lá, ele ficou lá procurando, né. Aí eu saí pro Leonardo, fui embora, né. Cheguei no Leonardo, aí o Claudio me mandou chamar de novo, porque era... suspeitava do meu irmão, né, que ele tinha feito isso, tal. Então me mandaram chamar, e eu fui de novo. Mas quando eu voltei lá, o negócio já tava... Tava esquisito, sabe. Todo mundo tava de cara fechada já, né. Nem Aruiavi já... já começou a separar de mim, né, e eu fiquei sózinho. Não tinha com quem contar, porque os parentes meus tava tudo fora, e eu fiquei sózinho no meio. Tudo bem. Fui lá, conversei com o Claudio e disse: "Ó, coisa aconteceu isso, isso, mas ninguém sabe de quem, quem fez isso, né. E o povo aqui, os índios tão suspeitando do seu irmão, que tem feito isso". "Tá bom, vamos procurar saber". Aí eu fui lá na aldeia, lá na aldeia do meu irmão, procurar saber com ele, porque ele não ia contar prá mim, né. Fui, tal, não contou - "Não fui eu", e tal. Tá bom. Aí eu voltei no mesmo dia, quando eu cheguei no posto, começaram a me perseguir, sabe. Começaram a me perseguir, e o pessoal dele né, do... do rapaz. Mas eu consegui escapar, fiquei numa casa sózinho e tal. E nessa época tinha uma enfermeira que chamava Lote; e Lote chamava a enfermeira, morava lá também, o Claudio tava lá. E... lá no Diauarum, né. Aí eu fiquei numa casa sózinho. Quando foi à noite, lá prá 9 horas da noite, eu sei que tava entrando assim uma... tem aquelas casas abertas por cima,

né. Aí eu percebi que tava subindo gente aí, já com tudo ne, já armado, tudo. Aí eu consegui sair dessa... dessa ameaça, né. Fui. Fui prá casa da enfermeira e lá ela, ela também já tava a par de tudo, né, que tava ocorrendo e tal. E ela falou: "Olha, acho que é melhor você ficar aqui comigo, vamos ver o que vai acontecer, né". E aí eu fiquei lá na casa dela. Quando... quando soube que já tinha entrado gente lá onde eu tava e tal. E... e a noite inteira, em volta da casa, da farmácia onde a Lote estava, ela... ela não dormiu quase nada, né. E eu também, né. Ela falava: "Pode dormir que eu vou ficar olhando aqui, e qualquer coisa eu te aviso". Mas eu não consegui. Bom, no dia seguinte fui falar com o Claudio o que tava acontecendo e tal né, aí ele começou a tentar conversar com o pessoal. Mas o negócio tava mesmo meio tenso e tal. Então, aí ele disse assim: "Então é melhor você ir, né. Vai pro Leonardo, ou então vá prá casa do seu irmão". Aí eu pensei: "Pô, se eu for prá casa do meu irmão, não sei o que pode acontecer, né? Eu vou lá e fico lá com ele". Tudo bem. Mas no dia seguinte surgiu uma ^{outra} viagem de urgência, de saúde de novo, e não tinha ninguém prá ir, né. O Aruiavi não podia ir porque tinha esse problema prá resolver. Então eu fui. Quando eu fui, eu cheguei lá, né. Aí eu fiquei lá, não tinha mais jeito de voltar, né. Aí o pessoal lá de cima, já começaram a fazer pressão em cima de mim, né. Souberam que foi meu irmão que fez isso e tal. Então o pessoal lá, um ou outro fizeram, né, pressão em cima de mim, e tal. Queria me pegar, prá matar também, porque era o parente, sabe, que meu irmão que fez isso, então... Bom, fiquei lá junto com... ali no Leonardo eu ficava totalmente sózinho, que não tinha ninguém do meu lado, não tinha, né. A única segurança minha ali era o Aramísio só que tinha que... Aí eu fiquei na casa dele, fiquei na casa do Aramísio e tal. E dormia lá e tudo. Aí ele falou: "Olha..." Aí ele conversou com o Claudio, ele achava melhor que eu viesse pro Diauarum, ficava lá, né. Que lá eu tava inseguro, né. Tá bem. Aí desceu um avião lá, levando Aruiavi, sabe. Aruiavi foi pro Leonardo e tal, e levou...- levou um outro Juruna com ele, né. Lá naquela época tinha também aquele cinegrafista que tava filmando também, ele tava trabalhava prá ele. O Aruiavi tava trabalhando prá esse telegrafista, que chamava Adriano. Aí então ele veio buscar a carga dele de avião, e prá ele descer de barco, né. Bom, e nesse barco que era prá eu ir, né. Me chamaram, então eu tinha que ir. Aí eu fui sózinho: tava eu, o Aru e o outro Juruna. Não sei, chamado Inhambá, né. E o Inhambá também tava do lado dele né, porque ele era casado com a prima, né, prima do rapaz. Então, nesse dia...-um dia tão tão que foi prá mim, foi isso, né. Eu viajei sózinho, sózinho com o pessoal, né. Quer dizer, eu não, eu... no meu... no meu pensamento, eu não considerava o Aru, meu inimigo nessa altura, né. Eu sei que ele tava sentindo, mas eu não sei qual é o pensamento dele, né, que ele podia fazer, né, que podia levar uma vingança e tal, né. Num... num... eu quero dizer, não tenho culpa, não é? Não é eu que mandei fazer. Mas não posso também ter confiança, né. Daí eu viajei sem uma palavra, sem nenhuma palavra com o Aru, com ninguém, nem com esse rapaz, o Juruna, né.

P: (Que idade você tinha?)

Quem, eu? Eu já era adulto, já. Aí eu fui desarmado, sem nada, sem nada. E o pessoal tava armado, o Juruna tava armado, o Aru tava armado. Foi. É... do posto até chegar no Diauarum, não, até num certo, no meio do caminho né, foi assim: sózinho, olhando e tal. E nós viajamos a noite inteira prá chegar lá no dia seguinte, lá no Diauarum.

Aí no meio do caminho, ele disse assim prá mim: "Olha, vem cá, vamos conversar". Aí começou a falar comigo e tal; "parece que houve isso e tal, parece que o seu irmão que matou o meu irmão e tal. Mas a gente não vai ficar com isso, fazendo essas coisas e tal". Aí nós ficamos um pouco mais seguros, né. Mas então mesmo assim foi indo, sabe

Foi indo, foi indo, demorou prá gente se entender de novo, e tal. Quer dizer, eu não dou razão, eu não dou, eu dou razão prá ele, ele tem toda razão de ter ficado assim comigo, né. Mas chegando no Diauarum, aí foi outro problema, sabe. Aí eu fui prá aldeia, fiquei lá um pouco, e tal. Depois que foi descoberto o corpo do rapaz, ó, já há mês, acho que é um mês depois, ele já tava bem mal né, e tal. Aí foi mais pior ainda. Muito duro, né. A Aruiavi como ia morar no Leonardo, no posto Leonardo né, ele também já tava... quando ele tava no Diauarum, nessa época a confusão toda, ele conseguiu casar, né. E... pronto! Casou já... aí ele... Eu ia morar lá no Leonardo e ele ia morar lá também, que Kaiulu tava lá também, parente, Pionim, tava todo mundo ali né. E eu lá junto com eles não dava, né. Então resolvi ir embora pro Diauarum: "Não sei o que pode acontecer". Sai de lá, isso foi em 67, em 66 em setembro. Aí eu fiquei lá. Aí depois de um mês, uns vinte dias, né, aí chegou uma equipe do PARASAR lá na FAB, né. aí como no posto lá no Leonardo dava emprestar, o Orlando emprestava o motorista prá eles, né, prá ser motorista deles. Tá bom. E ele não tinha condição de viajar ainda sózinho, né, e tal. Então era só eu que tava lá. Tá bom. Aí a FAB me mandou buscar com o avião deles e tal. Aí eu fui com eles, né, fiquei lá depois uns 15 dias, aí depois de 5 dias, 10 dias depois...

P: (Vocês trabalhavam prá FAB?)

Quem? A gente trabalhava prá FAB, né, mandado pelo Orlando, né. Quando eles pedia pro Orlando: "Ó Orlando, arranja uma pessoa prá nós", e tal. Aí eles arranjava, né. Aí eu fui. Fiquei lá uns cinco dias com eles, acho que não foi... uns quatro, cinco dias eu fiquei lá com eles, né. Aí, com isso aí, com minha saída, Pionim aproveitou e pediu prá um piloto nosso que tinha um aviãozinho lá, Paulistinha né, pediu pro piloto que levasse ele até o Diauarum, né. Pionim, aí o piloto levou o Pionim. Levou lá, aí diz que de lá ele foi prá aldeia, né. Aí lá ele saiu com o meu irmão, daí brifaram, tal... houve um outro fato também, né, tal... Aí o Pionim... aí ele subiu de barco. O Pionim subiu de barco fugindo do pessoal, né, o pessoal já tava atrás.

P: (Ele tinha matado o seu irmão?)

É, ele já tinha matado o meu irmão, e depois disso ele fugiu. E ele tinha que passar pelo... pela FAB, sabe? E como ele era muito ligado comigo, né e tal, e ele que dava instrução prá mim, né, questão de mecânico e tal.

P: (Ele é seu primo?)

E. ele é primo. E quando ele passou lá, eu achei estranho, e eu falei prá ele e tal, ele saiu direto, foi lá falar com o Major lá da FAB e tal. Desceu de novo.

E o cunhado meu, eu naquela época não tinha casado ainda, né. E o cunhado meu tava com ele. Demoni tava com ele, que era o cunhado do rapaz que o meu irmão tinha matado. E o cunhado tava no meio, porque ele não sabia, né. O cunhado era muito amigo do... amigo meu, do Pionim também, sabe. Não o outro, né. Ele tava com ele, e ele falou: "Ó,", falou prá mim, né: "Você tá aqui"? "Eu tô aqui", e tal. Aí eu conversei com ele: "Como é que está lá"? "Tá tudo bom. Daquele jeito, mas tá tudo bom". Ele não sabia, né. Ele diz que pegaram ele assim no escuro e elevaram ele junto, né. Tá bom. Aí, ele não sabia também... Segundo ele, ficou, depois que chegou na FAB, que o Demoni contou prá ele, né: "Olha, o Pionim fez isso, isso, e nós viemos junto com ele", também não sabia. Aí que ele se arrependeu de ter vindo, né, mas já era tarde. Mas tudo bem. Aí ele chegou lá na FAB, né, no acampamento da FAB, dos PARASAR, falou e tal e foi embora. Nem deu boa tarde prá mim nem nada. Eu pensei: "O que é que tá havendo"? Aí eu, no outro lado, já tava percebendo, né, que ele não falou isso comigo, porque o meu irmão matou o cunhado dele. Tudo bem. Foi embora. Quando foi lá... isso era umas 10, 11 horas da manhã. Quando foi láprás 3 horas, sobrevoou um avião da FAB, um avião pequeno da FAB lá, lá no PRASAR, né. Chegou um bilhete e tal. Aí ele chegou na FAB, pediu um avião que tava lá, que levasse ele prá o Leonardo, Leonardo prá Xavantina, né. Aí a FAB deu apoio tudo a ele e tal. Inventando que o pessoal tava perseguindo ele todo, né, os Txukarramãe, os Kayabi, Suyá, todo mundo, né.

P: (O Claudio e o Orlando tavam lá?)

Não. O Claudio tinha... O Claudio e o Orlando tinham viajado. Tavam indo lá prá Altamira ver os tal de Arara, até hoje se fala, né. Eles foram lá, tavam prá lá. Aí, aí jogou um bilhete lá, tal, leram né, tal. Aí isolaram aquele bilhete, sabe. Aí o Major... Major... naquela época era capitão, agora acho que é Major, né, o Capitão Guarani me chamou, né. Falou: "Olha, você sabe de alguma coisa e tal, como é que está o Diauarum, como estão... se tem alguma briga e tal". Aí expliquei prá ele mais ou menos o que tava acontecendo, né. E aí ele falou: "Olha, diz que tem esse problema e tal, tão perseguindo o Pionim, tal. Deve estar chegando por aí o pessoal prá... prá matar ele!" "Aí eu acho que não tem nada disso não, não tem, porque o assunto que eu tô sabendo é diferente. Então com ele não tem nada não". Mas estão perseguindo ele! Inclusive ele pediu prá nós que retirasse ele, toda família prá Xavantina". Aí eu comecei a me preocupar um pouco, sabe. "O que é que tá havendo"? "Agora você ' leva um... e tenente prá FAB, e a FAB transporta ele lá pro Leonardo, prá ele ficar lá, comandando e tal". Tavam pedindo lá, o apoio lá da FAB. Aí já correu todo mundo prá lá, foi o Capitão Guarani, o Capitão não sei quem mais, o Major Laércio ficou '

lá na coisa. Aí ficou. Aí foi um tenente prá lá, o tenente Magalhães foi prá Leonardo ficar lá também e tal. Fechou... de soldado lá no Leonardo, sabe. Pô, eu fiquei até estranho, sabe. Quando eu chegueino Leonardo, na FAB, aí tinha um cara lá que chamava Domingos, Domingos não sei de quê, né. Ele era ligado a mim, sabe. Ele era que falava comigo tudo. Aí ele falou: "Ó, vem cá, diz que o Pionim fez isso, isso". Aí que ele contou direitinho prá mim: "Sabe, diz que foi um dos parente seu, não sei se seu irmão, se é seu parente, tal. Diz que aconteceu isso". "Mas quem é que sabe?" "Ele me contou aqui pro pessoal e tudo, inclusive ele pediu prá não contar prá você, e prá ninguém mais". Mas eu fiquei... ele não contou direto prá mim, eu vi ele contar isso pro... pro pessoal lá da FAB, né. Inclusive o chefe lá da FAB e o destacamento da FAB. Então, aí eles falaram. Aí não sei, aí que eu comecei a me preocupar, né. "Puxa, aconteceu alguma coisa então, né". Eu fui lá prá FAB, pro Leonardo. Aí ponto. Aí eles começaram a me prender também né, que não deixasse ir pro Leonardo e tal. Então, então eu voltei. Na mesma noite voltei sázinho pro destacamento da... da... lá prá acampamento da FAB, da PARASAR, lá no Morená. Fiquei já preocupado, não sei que. Falei com Major Lessa: "Queria arranjar combustóvel prá mim ir até no Diauarum, né prá ver o que tá acontecendo". Aí ele falou: "Não, eu vou arranjar combustível prá você, eu arrumo, eu arrumo agora se você quiser ir, mas acontece o seguinte: é melhor você ir pro Leonardo, prá saber o que aconteceu, né. E depois você, no caso, o avião te leva lá". Então bom, voltei de novo, né. Aí eu já vinha, eu já tava, aí eu já vinha... aí eu já tava com autorização do... da Major Lessa, que me deixasse chegar até Leonardo, né. Tudo bem, aí eu fui. Fui, cheguei; falei com o sargento de lá e tal. "Tá bom, agora eu te levo lá, né". Aí cheguei lá, né. Tava tudo pronto, tudo pronto prá receber o choque, tal. Cheguei, ia lá, quem quiser me dessem tiro, dava, quiser me matar. Mas eu fui, pronto. Cheguei lá com calma. E. Já não encontrei mais ninguém. Pionim já tinha ido embora, Aruiavi já tinha ido embora com toda família. Bom, aí eu parei ali, fiquei ali esperando, né. Aí que eu fiquei sabendo mais ou menos como é que foi e tal. Aí encontrei o rapaz, aliás, encontrei o Demoni, né, e encontrei o cunhado também, né. Naquela época não era ainda cunhado; chamei ele, conversei: "Como é que foi?" "Olha, não tô sabendo direito, fiquei sabendo por aqui, né. Por isso que eu veio, senão eu não tinha vindo não". Aí eu falei: "Tá bom, aí eu vou prá lá amanhã. Vou prá lá amanhã e tal". Aí eu fiquei lá, né, tava chateado e tudo. Aí depois começaram comunicação prá... passaram rádio pro Orlando, Claudio e tudo.

P: (O Claudio já tava lá?)

Não. Quem? Não. O Claudio já tava no Altamira ainda. Aí eles vieram. Depois de 2, 3 dias depois, eles vieram prá cá, pro parque, né. Aí o Claudio e o Orlando falaram prá mim: "Olha, agora você vai precisar... qual é o seu reação?" "A minha reação não tem, não dá prá mim reagir assim né, e tal. Ou eu vou brigar até que acabe toda a família, ou pára aí, né". Vou ver o que eu posso fazer. Isso eu não posso garantir.

A única coisa que eu falei prá eles foi isso: "Não posso garantir porque eu sou menor, e eu tenho irmão mais velho do que eu, que eu não posso passar por cima". Eu disse: "Eu vou tentar né, fazer que não continue mais isso". Tudo bem. Aí eles chamaram o Pionim de novo, que tava em Xavantina. Disseram prá ele que tava tudo combinado, tudo acertado, tudo. Aí eles combinaram comigo que eu fosse pro Diauarum ficar lá. Tudo bem, foi. Mas na hora da chegada do ... do Pionim, também foi uma loucura, sabe. Foi uma loucura... Acho que... Eu foi sempre só os... Acho que só os... foi sempre assim, né. Eu sabia que o Pionim ia chegar naquele dia, naquele correio e tudo. Fiquei lá com calma, como se não tivesse acontecido nada. Eu queria ir até cumprimentar eles... Aí eu fui, puxa, eu sei que eles ia chorar. Se eu fosse lá cumprimentar eles, eu sei que eles ia chorar. Não ia saber responder nada, né.

P: (Eles quem?)

Hein? Eles, o Pionim, o Aru, eu... eu sei que eles ia, né. Eu ia, mas eu fiquei, né. Aí eu vou,,, aí vou ser famoso, né, vamos dizer assim... Mas eu fiquei, não, vamos deixar assim mesmo, não vou fazer nada não. E todo mundo, todo mundo ficou... nessa hora tinha o... tinha o piloto lá, que chamava Garcia, tinha o Anésio, naquela época tava vivo ainda, tinha outros brancos lá, tava tudo assim de olho né, em mim.

P: (Prá que tinha tanta gente assim?)

O que? Prá ver, prá defender, prá ir controlar a situação, né. A... a situação que eles podiam controlar era somente só eu, né. Não precisava de tanta gente. Tinha até polícia lá, polícia não, o... o pessoal da FAB.

P: (Mas quem chamou?)

Quem chamou? Alguém deve ter chamado. Alguém deve ter chamado prá ir prá lá, né. Então aconteceu isso, eu fiquei lá. Eu fiquei lá num quartinho, sózinho e tal. Tava arrumando as minhas coisas. Falei pró piloto, falei: "Como tá combinado com O Cláudio e o Orlando, eu vou prá Diauarum ficar lá. Não quero encrenca. Eu pessoalmente, da minha parte, eu não quero nada de encrenca. Eu vou prá lá, vou ficar lá, tentar controlar o pessoal de lá. E eu não quero que vai mais isso prá frente". Aí, desde ali, que eu venho pensando o que é a gente, como que é o pessoal, como é que é. Aí que eu comecei a perceber, essas coisas de ... de lidar com o pessoal, né, de ver o mundo assim também, né, como é que é, as coisas, né. Aí bom, aí eu assumi isso daí. Naquele idade, eu tinha o que? Uns 14, 15 anos, 18, por aí. Foi uma coisa tão pesado prá mim né. Aí eu vou assumir isso aí, né. E quando eu cheguei... aí eu fui, né... Pionim chegou no... no mesmo hora... hora, eu já tava pronto. Inventaram até coisa que não foi feito, né. Disseram prá mim que eu saía armado de lá, eu não saí, né. Não saí não, e disseram, não sei quem falou prá mim que eu tava com revólver na cintura e tal... Não tinha nada disso. Nada não. Não gosto de usar isso. A não ser que eu vou casar, caçar; aí eu vou armado. Botei... eu tinha arma, mas eu botei lá no saco, botei minha rede em cima e fui embora. Entrei no avião e fui embora, né. Quando eu cheguei no Diauarum, aí que foi a barra pesada, pesadíssima, né. Cheguei lá, em

Diauarum, todo mundo percebeu e tal, tudo triste e tal, né, com o que aconteceu. A mulher dele chegou, falou prá mim né: "O que aconteceu"? Tudo bem. Agora, chegou o Domingos, que tava chefiando um grupo Kayabi, chamava (Wa tatã)... Chegou o Cuiabano, não, o Cuiabano não, não conta com o Cuiabano, o Cuiabano já tinha outra História... Chegou o meu irmão esse, o Kamik, com outro grupinho também, né, são dois! Aí chegou um outro também que era o grupo do... do Masi'a, né, que era família grande, né. Então tinha três grupos, é, tinha três grupos. E o Cuiabano também não conta muito não, que ele tava a favor desse negócio, sabe.

P: (Que negócio?)

A favor do Pionim, né. Que agente, sabe como é que é as coisas, né, quando acontece essas coisas... Então eles acham que o meu irmão tava errado. Tava, de fato, né. Na verdade eu acho que o meu irmão tava errado, ele não podia ter feito isso, só pra ter acontecido uma coisa, isso com ele, né tal. Mas ele também, segundo ele, que não foi só ele que pensou fazer isso, foi mandado, né, por muita coisa, né. E eu for citando os nomes são... tem gente grande no meio, depois deu contra, né, contra ele.

P: (Gente grande como, gente de fora?)

Hein? Como? Pessoal de lá mesmo, né. Aí fiquei lá. Aí chegou, foi chegando o pessoal. Primeita coisa, meu irmão chegou e tal, e perguntou dele: Como é que é? Cadê o Pionim, o que aconteceu, isso, isso"? "Tudo bem, tá lá, diz que fugiu, foi embora, não encontrei com ele. Quando eu cheguei, quando eu tava saindo de lá, ele tava chegando". Aí ele falou: "Olha, como é que nós vamos fazer"? "É, não tem resposta agora". "Quero ver quanto eles tem pessoal aí né, que tão a favor de nós". Aí começou a falar, né: "em isso, isso, isso...". Eu contei 50 e tantas pessoas. Falei: "Putá né, não sei nem se eu vou ter coragem de falar. Aí falou: "Tá bom, agora queremos que você arranje o barco, o motor, que nós vamos lá".

P: (O pessoal queria brigar?)

É. Tudo bem... "Agora vocês vão fazer o seguinte: vocês vão esperar né, eu vim prá cá..." O Claudio saiu, deixou a ... saiu todo mundo nesse dia, né, saiu. Foram embora e ficou a... deixa eu ver quem ficou lá... acho que até, se não me engano, até a enfermeira saiu de lá.

P: (Ela saiu por causa disso mesmo?)

Não, ela tinha problema de saúde, e o Claudio saiu prá resolver um problema em Brasília, negócio lá de viagem com os Arara. E eu fiquei lá. Aí ele falou prá mim: "Olha, você vai prá lá e fica tomando conta do posto". Olha a função que eles vinham me dando desde aquela época, né. Principalmente nessa confusão toda. "Você conversa com o seu pessoal e tudo". "Tá bom, eu vou lá". Vim. Aí eu expliquei prá eles o que eu fui fazer lá, né. "Aí eu vim prá cá, tal, vim prá ficar aqui no lugar do Claudio, tal e responder pelo posto, né. Agora, se vocês quiserem me ouvir, ouve,

né. Agora, se vocês quiserem fazer alguma coisa, aí já... não é que eu não tenha nada a ver com isso, mas eu acho, minha opinião é isso...". Aí eu comecei a explicar prá eles, né. Disse: "Se a gente for fazer isso, a gente vai ficar fazendo' assim. Você sabe que tem gente além disso aí, né. Não é com a verdade, mas depois eles vão querer que, vai haver uma vingança que não vai ter mais fim". Aí pronto. Aí comecei a briga, a briga começou contra mim, sabe, com parente, né. Eles vão dizer: "Ah, você não pode assumir isso aí, quem vai assumir somos nós e pronto! Você é novo". Aí, na primeira vez foi essa discussão né, tal e tal. Consegui vencer, eles voltaram prá aldeia. Aí foi lá, sabe como pe que é, os índios né, vão lá conversar, falam, falam, falam, formaram um outro já, bem maior. Aí veio de novo: "Bom, agora nós vamos, vamos de canoa, já que não tem condições de ir de barco, nós vamos de canoa". Aí, como é que eu ia fazer? Aí comecei, comecei a conversar de novo, tal, eu tava dizendo prá eles que eu ia resolver issi mais tarde, que a gente ia conversar e tudo, né. E falando, falando com eles tudo, né, e explicando por qual é razão que tinha meu irmão, até onde ele tinha razão, e até onde ele errou também. Aí tudo bem, começaram a voltar de novo, né. Aí depois de três vezes, na terceira vez que eles vieram, aí não teve mais jeito, né. Aí eles queriam ir, passaram escondido, foram e tal. Eu soube que eles foram, eu fui atrás, né. É um risco, né, que eu fiz até o meu irmão que chamou... "Vocês não podem fazer isso, né". Aí ele falou, falou, falou, falou. Consegui também vencer eles, que eles voltassem prá aldeia e tal. Aí pronto, né. E o irmão dele, aliás, a irmã dele, também quem salvou ela foi eu e até hoje ela me trata mal. Irmã do Pionim! Ela tava lá, tudo junto! Tava no meio dessas coisas todas. Quem salvou fui eu, que ela não pode fazer isso, ela não vai, não tem que acontecer nada agora. Eles queria pegar ela de qualquer jeito. Falei: "Não pode, ela vai ficar aqui comigo, ela vai ter que viver". E foi, foi, foi e até hoje tá aí. É uma coisa que eu senti agora também, é uma coisa muito triste, né. Também não vai ficar muito tempo no meu... na minha vida, porque ela, assim no meu sentimento, ^{no} meu coração, né. Vou me esquecer, mas por enquanto tô chateado mesmo, ela não participou desta vez, com essas acontecimentos meus. Ela tava lá no posto, ela não foi, podia ter ido pelo menos dar uma satisfação lá prá mim, não foi... Mas também eu não... não quero dizer nada não, né. Ela era minha parente, podia ter ido lá falar, tal, fazer alguma coisa ou pelo menos dar banho no pessoal, um monte de coisa, né tal. Não foi. Bem. Eu falei pro Pionim isso. Pionim foi, né e tal. Eu falei prá ela: "Ó, seu irmão fez isso", né, ela podia estar passando vergonha comigo, com o que você fez tudo isso... Ou pedindo desculpa agora, no momento agora que eu estou sentindo uma tristeza tão grande. Teve não! Ela não foi. Eu também não vou ligar prá isso né, as coisas do passado, mas quando num... num acontecimento assim passa tudo a se lembrar, revela tudo, não e tal. Mas também não vou, não vou ficar

com isso na cabeça. Aí também, ela , o Pionim, tudo isso a gente conseguiu salvar que parou aí, né. De vez em quando surge ainda, é, não sei o que, pá, pá, pá, "Você não fez isso por causa do seu irmão". "Não, tá certo, isso foi irmão...". Tem, às vezes chega uma pessoa prá mim, diz: " Ah, você não faz isso porque você é... é mole, você não é isso, você não é homem". "Não, não posso fazer isso, não pode". Se eu quiser fazer uma coisa errada, eu podia nem estar vivo ainda, né. Então as coisas fois assim. Essa é uma fase muito pesada, né, que eu passei, mas eu consegui sair dessa aí, né, saí, tô livre. Aí eu comecei a trabalhar, trabalhar mesmo, assim com o pessoal né, lidar, falar, mandar o pessoal, quer dizer, mandar, quer dizer , tomar conta do pessoal, né. O Claudio saía e eu ficava no lugar dele, né. E então eu acho que o pessoal foi sempre me obedecendo, e eu fiquei bem com o pessoal, sempre tratei bem o pessoal né, eles tão, né. É uma das coisas que agora eu acho, que depois da saída do Claudio, uns quatro anos que eu já tô lá, me dou... dou bem com eles, com todo mundo, não se queixa com ninguém, até com os Txukarramãe que não tem nada a ver com... com a minha função, né. É outro posto, mas me dão bem, dão bem com todo mundo, né. Mas há alguma coisa nesse... nesse sentido agora, de hoje, né. Como muito tempo depois, eu acho que o pessoal, não, mais a parte assim dos Kaya - bi, né. Eles tão um pouco confusos com essas coisas de saída prá fora, sabe, que eu acho.

P: (Sair da onde?)

Sair... é o seguinte: vamos supor que os... os pessoal estão vendo os outros vender as coisas, né. Tudo bem, vai, vai, vai... Cada vez que um líder sai, leva 2, 3, 4, 5 pessoas, né. Isso eles tão vendo, eles vão vendo, eles vão vendo. Então eles quer fazer isso também. Tá certo! Agora, no meu opinião, eu acho que isso tá errado. Se quiserem fazer uma... um negócio desse tipo, então que faça com menos pessoas, né. Porque o que ele vai levando embora, a pessoa que não, não, não tem nada a ver com ... com artesanato, tal, ele só vai... o que eu vejo, ele só vai buscar uma coisa que não, que não vai servir prá ele. Então no meu opinião, deveria sair o pessoal assim, que tem condições de ir lá, ver e entender, prá... prá que ele leve de volta prá lá. Prá explicar, prá ele aplicar lá. Não adianta você tirar uma pessoa de lá que não vai entender nada. Ele só vai sair, apanhando uma doença, apanhando uma coisa que ele não tá... nunca saiu de lá e assim, um corpo assim totalmente aberto e levar prá lá No caso de hoje, né. No caso de hoje não, no caso de esse assunto de... de coqueluche, por exemplo, aconteceu assim. Um menino saiu de lá, não sei qual é o Txukarramãe que saiu de lá; nunca saiu, veio prá Brasília, veio prá São Paulo , pegou, foi, levou coqueluche, pronto! E quem trouxe? Saiu pelos pessoal que já, já veio aqui várias vezes, tem mais resistente, já pegou coqueluche, já pegou varíola, já pegou catapora, essas coisas todas e não tem condição, né. Agora, você vai pegar uma pessoa prá sair de lá, assim de repente, prá você botar num lugar só, pode,

só pode acontecer isso mesmo.

zP: (E essa saída do pessoal do parque, sempre foi assim?)

Hein? É, isso é agora, agora que tá explodindo isso, né. Então eu acho que é uma coisa que você tem que controlar isso. Se voce quiser fazer uma coisa e tal assim desse tipo, quer vender, então que saia o dono das coisas. Não saia com o povo assim, abertamente, não dá. Não tem condições. Só vai... vem buscar uma coisa e levar coisa ruim. Ou se não, voce deixa uma coisa, umas pessoas assim que faça isso prá você, prá segurança, né. E ao mesmo tempo eu sei que é melhor, é bom o pessoal conhecer. Mas na minha opinião, Rosa, é que não adianta você tirar uma pessoa de lá só prá pagar e depois voltar prá lá do mesmo jeito, não dá. Não dá! Eu acho que se então é assim, você tem que trazer uma pessoal, ou acompanhado por uma pessoa que entende, prá você explicar prá ela o que é isso e aquilo, né. E qual é, o que que tem daqui, o que é bom, o que é ruim, prá eles fazer uma comparação, né, sobre o mundo de cá e o mundo de lá, se não não adianta nada. Não adianta nada. A única, o que pode acontecer é isso aí, que estão, tão passando, levando doença, né. Agora, por exemplo, nessa vinda pra cá, eu sai de lá com meus filhos, tinha mais lá, não sei, o sobrinho, que é o único pessoal pouquinho fora da gente, mas é parente. Eu sai de lá e não trouxe ninguém. Não pode trazer, não posso. Eu por mim e u não traz, não traz porque eu sei que vai criar problema prá mim e tudo, né. Agora, se o pessoal sai, então que saia e que tenha alguém orientando. Prá que ele saia, voltando prá lá já com alguma coisa na cabeça. Prá saber o que é o mundo aqui fora e prá num... prá ele fazer uma comparação com o mundo de lá e com o mundo de cá. Não é mesmo? Eu acho, no meu opinião é isso. Agora todo mundo fica aí, disse é prá cada um que vai é, eu vou, ficam 10, 20 pessoas lá. E ainda ficam brigando, né. E isso mais tarde voce vê, mais tarde você vai ver que... agora por exemplo, com a nossa saída, é um absurdo, fiquei triste agora com isso, fiquei, pô, todo mundo queria entrar no avião assim o... prá que? E você, se quer fazer isso também, tem que dar condições pro outro também. Como é que voce pode ser, assistir, vamos supor, amanhã voce vais er um... uma pessoa que pode assistir todo mundo. Vou dizer prá você: "Não, voce não pode, voce tem que largar só, não pode e os outros, não é? É isso que está acontecendo no momento. Todo mundo quer sair tudo numa época só, não dá.

P: (E por que voce acha que todo mundo está saindo?)

Quer sair prá fazer isso, é curiosidade do pessoal.

P: (Eles sempre tiveram curiosidade, né?)

Tem, mas não tanto assim como está agora, não tanto, né.

P: (E o que você acha?)

Não, eu acho que tem... tem... teria que ter umas pessoas que querem fazer isso, querem conhecer isso. Então vai, que se faça isso compassadamente, e tem condições do

outro. Pô, não adianta eu vir aqui, Rosa, amanhã, né... eu... eu vou, eu chego amanhã no Xingu, quero voltar prá semana prá cá, né. E o avião que vai lá, é o único jeito da saída, né, o avião que vai lá, lá vou eu de novo. Amanhã tô lá de novo, a semana que eu quero vir de novo. E os outros que tão lá? Querem fazer negócio, querem sair? Não dá. Então tem gente, eu não vou citar os nomes, mas tem gente que tá assim, vai, volta, vai, volta, a mesma coisa. E o outro que tá esperando, fica assim, fica... fica puto, fica esperando, passando o tempo sem condições nenhuma de sair. Então o que quê pode acontecer? Aí que você vai saindo foraprá fazenda, como tá saindo, né.

P: (Mas deve ter alguma coisa errada lá dentro?)

Mesmo que tiver alguma coisa errado no parque, não quero defender ninguém, nem administrador, não. Eu acho que tem a nossa parte também, tem, tem que ter, é questão de amizade com os outros.

P: (Eu acho que tem alguma coisa errada lá dentro pro pessoal querer sair. Eu queria saber a sua opinião).

É, tá certo, mas é fator também de uma... de umas soluções pro pessoal, uma orientação pro pessoal, o povo de lá. Prá você equilibrar esse negócio, né. Não dá, não tem, não existe.

P: (Na época dos Villas Boas esse pessoal saía também, né?)

Assim saía, mas saía pouca gente. Então eu acho, que no meu opinião, tem que ter um controle, desse aqui. Não só de uma parte, vamos dizer.

P: (Na época do Olímpio também saía, né?)

É, tinha, saía mais controlado, mais né, equilibrava mais distribuída as coisas. A questão... de saída...

P: (Acho que o pessoal quer sair porque fica assim isolado, né?)

Como isolado?)

(Assim, isolado, porque de repente, o parque ficou muito isolado...)

Isolado não, não acho que tá não, visão de... de assim, de tá assim, como você diz, a parte do pessoal? Bom, tá isolado na minha opinião, que tá... pro branco, assim de entrada, penetração, tal e tal.

P: (Eu falo isolado é de não chegar informação lá).

É, não tá. Olha Rosa, o que eu vejo lá dentro, eu não acho que tá isolado assim não. Informação tem, mas o que se... o que você não se faz lá, é de entender, eu acho.

P: (Você sempre foi chefe de posto?)

Não, eu já vinha trabalhando no posto mesmo antes, substituindo quando o Claudio saía, e eu ficava e tal, né. É só quando, quando ele saiu lá do Xingu, depois que entrou o Olímpio, é que eu passei a responder pelo posto, né. Tem uns quatro, cinco anos agora. Eu tô lá. É realmente esse povo que, o pessoal, né, que... que al -

guns que procura entender, como é as coisas de fora, e o que vem... a ameaça da invasão que tem, e as terras tão... tão sendo roubadas, né, essas coisas todas.

P: (Essas invasões sempre tiveram?)

Invasão desde que eu, que eu saiba, quer dizer, o pessoal conta que tem invasão, eu sei, desde 71, 61, que eu sei que tem invasão. Logo, logo após do... do 65 prá cá, né, depois que foi criado o parque, eu já sei que tem esses famosos Santa Rosa, invasão, né. E ainda é, né, tem esses pedaços que entra aí, corta,, entra um pedaço aí, pedaço da fazenda, né, que foi cortado pela estrada, né. Na outra margem direita, prá quem desce o rio Xingu, é, parece que não tem nada ainda assim definitivo, né, demarcado. Do outro lado da margem esquerda já é demarcado, mas pro norte, o final parece que ^{também} não é demarcado. Disseram que foi demarcado segundo a... a... o mês de setembro, setembro, outubro, não me lembro agora. Setembro disseram que foi demarcada, mas eu não sei, não tenho certeza se foi ou não. Parece que foi, né. E aquela margem, aquela lá do lado, perto da cachoeira, perto do Jarina, tem uma área lá que o pessoal gosta muito, os Txukarramãe gosta muito, que é o Kapoto. Naquela região parece que está se abrindo uma fazenda grande, né. Eles não queriam deixar aquela área, mas parece que está se abrindo uma fazenda lá, fazenda Jari.

P: (Mesmo depois do acordo feito com a FUNAI?)

Agora! Então não dá essas coisas aí. Então é difícil, viu. Essa viagem que nós fizemos aos Suyá, por exemplo, né, os Suyá também tem uma história bem grande prá contar, como eles viveram com os outros; não são, não são do Alto Xingu, né. Mas vou dizer aqui, não são do Xingu, vieram de lá do Teles Pires também né, mas só que eles vieram bem antes do que nós. De muito antes.

P: (Trouxeram eles também?)

Não, eles vieram por eles mesmos prá guerra, por causa da guerra, briga que tinha, tal. Então eles foram se afastando, tal, tal... subiram o rio, o rio Renato, né, depois atravessaram a cabeceira do rio... é... Muritsawá e atravessaram a cabeceira do rio Arraia, aí foram b₂ter lá no rio Ronuro, aí que foram descendo, descendo, descendo. Chegaram naquela região do Diauarum, toda foi deles, brigaram ali com os Kamaiurá e tudo, aí subiram o rio Suyá, até na cabeceira de um riozinho que não me lembro como é que dá o nome do rio, onde que nós tivemos agora, e onde é uma fazenda grande agora, né, do Sílvio Santos, fazenda que tem, bem enorme mesmo. Então, ali foi um... uma aldeia mesmo deles, tal. Moraram muito tempo ali, anos, anos, né. O centro da sede da fazenda da fazenda do Sílvio Santos, fazenda Tamakavy, né, é justamente onde eles moraram mesmo, né, tal.

P: (Como você se sente como chefe de posto?)

Olha, eu acho que o... eu não sinto bem não sabe, eu não me sinto bem, como assim, vamos dizer, eu sendo chefe do posto. São duas coisas que eu acho, sabe: do outro lado eu acho bom, do meu gosto; estar junto com o meu pessoal, ajudando eles, tudo,

sabe. Mas na parte da FUNAI, eu não tô gostando muito não. Não tô gostando porque tem muita coisa que não... não se devia fazer com os índios, com o nosso pessoal assim, né. Principalmente esse pessoal de saúde, né. Principalmente o pessoal de saúde, saúde que depois até, é saúde que vem aí pro pessoal. Já que tão, que não tem mais jeito de você e tudo, você se... se separam, se isolar desse negócio aí, né. Então nessa parte que eu acho que depois da terra, eu acho que a FUNSI podia ter mais, mais mesmo, mas muito mais apoio ao índio, sabe. Principalmente agora, na... por exemplo, nesse surto de coqueluche, né. Poderia ter tanta gente lá, né, ter médico! Tinha médico lá, né, ele saiu de lá por causa de resolver alguma coisa, ele saiu de lá prá vir resolver um negocio de salário dele em São Paulo, e largou tudo lá... e morreu gente lá, morreu criança, né, morreu um... um Suyá também, né, depois fica prá culpar alguém de lá, que ficou lá medicando. Que adianta? Se ele é de lá, então tem que ficar lá! Ele não foi lá prá tratar de índio, né. Eu soube também que ele falou pro Megaron que ele não foi lá prá garantir a vida do índio. Que médico é essa? Né. Essa... não tô bem não. É uma coisa que o pessoal já começaram, quando eu cheguei lá, o pessoal já começaram a se queixar, né, de falar dele, tal, tal. Que médico é esse? Eu principalmente, eu tô sentido com ele. Ele chega lá, ele pediu prá examinar o menino meu, que faleceu, e não dizer nada, não tem nada, nada, nada. Quando chega em Brasília, já tá o menino, já tá com os dois pulmões de pneumonia. Como é que pode fazer uma coisa dessa? Não dá assim não. Então nessa parte que a FUNAI podia ter mais apoio, né, mais é... dar mais apoio, né. E... mas não dá. Pessoal que vão lá também, né, não sei se eles vão lá só prá estudo, sei lá, né. Que examinasse. Se tivesse doente então, tem que tratar, exigisse mesmo que não tiver transporte, exigisse. Aqueles pessoal tem que ver que a gente faz o possível prá vim, mandar lá, né. Tem um... tem uns pessoal que tão lá, sei lá o que eles examina. Fica lá, os papelada só fica com eles, a gente não fica sabendo de nada. É, as coisas, essas coisas que eu não acho bom.

P: (Você tem algum controle, fichas?)

Não temos. Essas fichas que devia estar, agora parece que tão conseguindo, né, não sei. A FUNAI pediu prá Paulista que ficasse uma ficha ali. Seria muito bom. Mas isso a gente pediu várias vezes, várias vezes prá... prá pessoal aí da Paulista, ninguém mandou, ninguém mandaram. Que pessoal da UAE faz exame, manda não sei prá quem em Brasília, morre por aí mesmo e acabou. Assim não adianta nada. O que se pode fazer? Não dá não. E esses chefes aí, não saíam também só prá fazer passeio, né. Eles que tem poderes, mais do que a gente, muito mais do que eu, né. Eu não tenho, fazer o quê? Na direção dum... dum grupo, não posso assumir, eu não tenho, não tenho condições, não tenho linhagem prá nada. Não posso. Apenas eu sou o chefe do posto e acabou, né. Não tenho curso prá ser um chefe indígena, não tenho. Não tenho mesmo! Apesar de ser

meu pai foi um dos chefes dum grupo, mas eu não posso. Prá isso eu tenho que ter um pouco de estudo, né, preparar tudo. Yanukulá tem condições de fazer isso, não através de mim, mas tem o tio dele que é o chefe do grupo, fazer um curso, tal. Aí ele pode assumir, algum ou Suyá, ou algum grupo de Kayabi, mas eu não posso dizer prá você que ele pode dirigir um grupo Kayabi porque ele, a lei é outra. Então ele tem condições de continuar com dirigir um grupo Suyá, que é a lei, ou que quer dizer, um curso que ele pode saber é dos Suyá, que ele tem direito de dirigir prá lá, não pros Kayabi que a lei é outra. Tem essas coisas aí. E agora no momento, os Kayabi não tem mais líder assim, com poderes mesmo, não tem, né. Não tem porque...

P: (Mas como, se são as mesmas pessoas, os mesmos líderes de antes?)

Hein? Eu sei, mas não tem os cursos final, não tem não, não pode, não existe, não existe. Não existe porque esses não tem, vamos dizer, o Cuiabano, ele tem, é o chefe. Tá certo, que ele é um chefe grande, ele podia ter tudo na mão prá dirigir o povo, mas não pode. Ele tem até um certo ponto dele também, né. E o pai dele era um grande chefe, grande, né. Ele é... ele é chefe pelo nome do pai, não pelo curso que ele não tem, não tem.

P: (Preparação, né?)

Preparação, não tem. Aí é que está, né. Eu acho... eu senti muito quando o povo, pessoal fazia essas coisas, sabe. Quando esse pessoal começa a fazer uma coisa, né, é... o meu irmão, por exemplo, se ele tivesse vivo, podia fazer alguma coisa, pelo menos um pouquinho mais do que os outros capitães, né, mas não dá. Tem gente que não quer estudar, tem gente que não quer ouvir e tal. Então prá isso tem que ter preparo, paciência, essas coisas, educação geral, né. Não dá! Tem muita gente... Quem podia também assumir o grupo dos Kayabi agora, numa parte dos Kayabi, é um do... um dos filhos do... um dos filhos do Pitáí, que morreu agora, um grande... aquele velhinho e tal. Mas... eles não quiseram. Tem um filho dele que é mais velho, né, um cara bom também, mas não quer. Não quer! E o filho então não vai querer também. Não sei. Então assim vai indo, destruindo e tal. É triste. Eu acho essas coisas triste. Já muitas vezes eu já briguei com pessoal... Não... quer dizer, eu já falei com o pessoal, não briguei. Muitas vezes eles vem falar assim: "Ah, seu pai foi um grande, tal, seu avô foi um grande, tal, você tem que assumir". Como? Não tem, não tem condições de fazer, eu não posso! Não posso mesmo. Posso ajudar em alguma coisa. Toda vez, olha, toda vez que vai fazer uma coisa assim de festa, vamos supor, uma festa grande, eu fui oferecido. Eu não posso, eu não quero; não é que eu não quero, vontade eu tenho, mas eu não posso. Que que eu quero, que que eu vou fazer? Que que eu posso entender daquela festa? Eles iam oferecer um boêco prá mim, uma festa e tal. É uma coisa muito importante isso aí, né. Um objeto, por exemplo, que eles vem trazer, entrega prá mim. Vamos supor, agora por exemplo, Cuiabano trouxe, Cuiabano e o Pionim, né. Se meteu lá de resolver trazer aquele... aquele cabeça lá, e chegou aí pronto, se danou todo. E o coitado do Pionim, ficou arrasado com aquilo, né. Não

pode, tem que ter tudo na lei aquilo lá. É tudo tá, tá, tá. E também ficar ligado com religioso, sei lá, uma coisa assim, senão não dá!

P: (Não tem ninguém que pode assumir isso?)

Não tem, não. Não tem, não. Que querem mesmo, nao. Pode surgir assim grupinho, de tal, tal.

P: (E você acha que se tivesse ficado em Tatuí seria diferente?)

Olha, pode, pode... pode ser que ainda, não sei não, viu, pode ser que ainda se controlava, controlava alguma coisa ainda, sabe. Não sei. Pela história, pela condição de lugares aonde eles fala, conta história, tem muita história lá prá contar, sabe. Então isso eu acho que prendia mais um pouco o pessoal, né. De você assumir o... uma responsabilidade do... de ser o chefe, né, tal. Talvez! Então ao mesmo tempo isso é uma parte assim que você, se...se... eu me sinto, sabe, dizer não, se eu tivesse mais velho, talvez conseguiria. Pegar tudo, né? Assim geral, pode ser, pode não ser prá assumir, mas prá indicar uma pessoa e dar instrução a ele, né. Mas não deu, não deu nada! Eu gostava muito, eu gostava muito dessas coisas, de estar, de estar orientando nesse sentido, né. Como é os povo nosso e tal, né. Eu gosto. Então como se fala, né, os pessoal que tem aí agora, esses pessoal que fala de chefe, chefe, não é chefe, não é que chama a gente de Morerekuat mesmo, né, é simplesmente o que a gente chama de Üriat, é um chefinho e acabou, né. Como também os Suyá fala que é... que não é chefe, né. Segundo eles fala, o cunhado mesmo se... se queixa disso, né, que ele não é chefe, que ele é simplesmente chefe, não é assim, que chamam de Kãiautone, né, pessoa comum, chefe comum e tal, né. Prá se assumir mesmo, ele não tem condições de fazer isso. Vamos dizer, ele não tem um objeto, que é indicado ele, então ele não pode, né. Não pode. Então ele... ele mesmo não tem nada, segundo ele que, pelo que eu entendi, um dia ele me explicou, que ele mesmo não tem nada. Prá ser chefe mesmo assim, chefe no duro mesmo, ele tem que ter um objeto que liga ele. Não tem. Um onjeto como, eu digo assim, uma cerimônia, né. Por exemplo, ele é, vamos supor que ele é o dono de uma festa, ele é o dono do Yawari, por exemplo. Aí ele é, aí ele tá certo. Mas ele não tem nada.

P: (Lituari Trumai é o dono do Yawari, né?)

È, ele é o chefe, porque ele que sabe do... do Yawari e tudo, né. O filho dele é, porque o pai passou prá ele. Talvez não, porque tem avô né, ainda né, tem os netos. O... parece que o ... como é que chama ele, o... aquele menino que teve aqui, o Marká, tem condições de assumir mesmo, geral, chefe geral, quer dizer, talvez é bom.

È o filho mais... é o neto mais velho, não digo mais velho, mas é filho do filho mais velho, né. Talvez seja isso, não sei. Então é assim. Tem gente lá né, principalmente nos Suyá, né, tem gente que é... é... é dono de não sei de que, dono do Yawari. Tem dono do Yamurikumã, dono do Tawarawanã é o Demoni, é outro, outro assim. Uns quatro assim, só! É sómente eles que decidem se vai fazer festa, daquela festa ou não. Você não pode ir lá, e amanhã cê vai dançar naquela festa, e, sem consultar

o dono, não pode, né, não pode. Então na parte do cunhado, por exemplo, ele é ... chefe assim comum, mas dá prá levar, né. Através de... porque ele, ele tem apoio, porque os parentes são... que tem as coisas nã mão, né. O cunhado dele é dono do Yamurikumã, e... e o Demoni, parece que é assim primo de longe dele. Então esses pessoal dão apoio a ele prá que ele dirija a aldeia, né. Essas coisas assim. Ele é ...

P: (Kayabi também tem que ser assim?)

Kayabi tem, mas é num outro tipo, que eu acho que até se perdeu, no sentido de que cê pode cê dirigir, quer dizer, se fixar num chefe. Me parece que é na base assim também de... de estudo mesmo de...de coisa. Agora tem muita gente, esses pessoal assim, vamos supor, como Cuiabano, como... esses pessoal assim, Prepori, né. Então é uns pessoal que tem, como eu já te falei, né. Questão de... de através de pai, de tio, de avô; de tio não, de avô, e também pode ser quem tem mais objeto na mão, né. Também você não pode ficar consultar, amanhã por exemplo: "Eu vou fazer a festa amanhã". Eu não posso dizer isso, que eu não tenho nada. Não tenho. A não ser que eu faça alguma coisa e leve prá aquele tal pessoa, que eu acho que ele condições de fazer. Ele é importante. Por exemplo, eu quero levar um..., como o Pionim fez, né, pegou uma cabeça e levou pro Domingos. Ele queria levar pro cunhado dele que é o tal Kupé, né. Mas na hora decidiram lá que não pode fazer isso. Na verdade já ... aí já entrou naquela confusão, aí o Pionim se perdeu: "Não, eu vou levar prá aquele". Aí: "Não, cê não pode fazer isso, tem que decidir. Vamos prá aquele tal, tal fulano". Então, aí vem um monte de coisa, sabe. Vem a apresentação da chegada e não sei que, vem a estória de como é que foi e tudo. Depois convidar o povo prá... aí vem... não dá! Eu nem quero pensar numa coisa dessa, sabe. Eu quero ser convidado, só. Mas assumir mesmo... Mas esses pessoal, aquele pessoal que tem mais condições de fazer, que tem mais objeto, uma coisa assim, e que tem mais estudo, né, de pessoal que é mais educado, aí tem, ele tem mais condição de... de dirigir um povo.

P: (Mas você tem uma certa liderança, né?)

Tenho, tenho por causa do pai, né, só não pode é considerado, quer dizer, não posso assumir, só isso. Todo mundo sabe quem eu sou.

P: (E como chefe de posto?)

Como chefe do posto, eu acho que é uma coisa como, este questão de... do pessoal, acho que não tem nada aver com a outra, não...

P: (Sei. Mas você tem liderança como chefe de posto?)

Tem. Tenho. Então é uma coisa que vamos ver daqui prá frente, né. Se pode o povo. Eu espero, é esperança meu que o povo se... acorda, não? Prá... prá ajudar fazer essas coisas aí, defender eles... que fique com essa... que continua sobrevivendo na terra deles, né. que não é só deles, mas... aqueles que vieram também, que foi transferindo. Então eu acho que a parte dos Kayabi, que está assim, que eu vejo, né.

Que está assim se acabando tão rápido, questão de... as coisas de religião também, né. Porque não tem, você não vê umacoisa assim, ó, isso aqui pertence a tal... tal pajé, né. Aquele lugar tal pertence a tal, tal, tal, como chama, tal pajé também, né, só. Então não tem. No Xingu você não pode ver nada disso. Única coisa que você vê é um rio assim que dá muito remanso, aquele troço, né. Aí apresenta alguma coisa, as coisinha assim pequenininho. Então isso vai tirando...

P: (No lugar que vocês moravam antes tinha tudo isso, né?)

Essas coisas tinha. Você não vê o, por exemplo, você vai no Tatuí, por exemplo, ^{cê} vai ver, ^{cê} vê umaterra assim, com mais ou menos a história do pessoal que conta, né. Por exemplo, você vê umaterra esquisita, você vê uma... uma cachoeira estranha que corta tudo, não tem, não vê mais, não sobra mais nada de 40 a 50 metros de altura. É, ali tem um monte de estória, e tudo.. Não sei o que e tal. Então o pessoal ali do... do... que saíram de lá; você vê um bicho quemora lá dentro, você vê um troço, um buraco embaixo da pedra, parecendo uma casa, você vai, pode ir passear lá e tudo...

P: (Então toda a história de vocês tá lá, é isso?)

Então, ^a história está tudo lá! Então isso eu acho que na... na... o que eu vejo, os pessoal saíram de lá. Então os meninos que vão nascendo, vão crescendo, pela história, eles vão dizer: "Poxa, será que é isso mesmo"? Não tem nada, não tem foto, não tem fotografia, não tem nada. Eles contam: "Poxa, eles contam que era assim, né. Não sei, né". Então isso eu acho que vai levando o pessoal, né, tão rápido. A mesma coisa, se contar uma estória daqui prá lá, vão dizer: "Será que é isso mesmo"? vontade que eu tenho é pegar um dia uma máquina de filmar e passar naquela região tudo... Há um ano, em 78 ou 77, eu queria fazer uma viagem lá, né, quando tava o O-límpio lá ainda. Quer dizer, a gente tava querendo descer numa cachoeira que chama... é di rio Renato que deságua no Teles Pires. Começa dali prá baixo, até lá no Jacaré-acanga, sabe. Levar os meninos mais novo, tal, e 2 ou 3 velhos que explica os nomes. E tem muita coisa lá. Muito, muito mesmo que a gente não sei, nem eu sei. No... lá no Teles Pires, lá no Tatuí que eu fui, uma coisa prá mim fo~~o~~ muito bom, sabe, de ver um lugar assim estranho, né. Aí que ^{cê} vê, a estória que conta ^{cê} lembra, né: "Poxa, é isso aí que eles contavam, né". Isso aí que eles conta, principalmente a guerra que eles tinha com outras tribos, tudo. Cada lugar tem nome, né. Tal, isso que aconteceu, aonde foi a briga, tudo, tudo, tudo. Agora, aqui você não tem, você ~~p~~ pode ter ainda com esses pessoal que moram aqui mesmo. Aí eles tem. Suyá conta uma história mais, mais, mais exato, sabe. Mas os ^Kayabi, não sei. Eu vou pegar o cunhado e vou conversar com ele sobre isso. Ele vai contar umas histórias bonitas. E o Karadine, o Karadine Juruna contou uma estória tão linda, como é que eles vieram de lá do... de lá do... da Altamira, né, quase da Altamira prá cá., como é que eles estão vivendo aí.

P: (Quem?)

Karadine, filho do Bibina, chefe Juruna. Tem esse gente af...

FIM